

Anna de Oliveira (13-3-14 a)

# REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Julho de 1926

N.º 19

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga  
Alduino Estrada

## SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Geographia. 3 — Physica. 4 — Linguagem. 5 — Geometria. 6 — Historia do Brasil. 7 — Hygiene. 8 — Educação moral e civica.

PEDOLOGIA: 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O ferro fundido. 2 — O ferro batido. 3 — A cera. 4 — O laço. 5 — A tinta de escrever. 6 — O marfim. 7 — A cal. 8 — As pomadas.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Cultura humanistica. 3 — Um appello. 4 — Educação civica.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — A lição dos campos. 2 — Paizagem. 3 — Innocencia. 4 — O caminho da verdade. 5 — O milagre dos livros. 6 — Caravelas. 7 — O tecer dos fios. 8 — O gato e o ratinho. 9 — A' copa duma arvore. 10 — "Accender uma vela a Deus e outra ao diabo." 11 — Na escola.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA — Jogos escolares: 1 — Bola aos cantos. 2 — Quatro cantos. 3 — Branco e preto. 4 — Soltar pombos. 5 — Gaiolas e tinhos. 6 — Bola ao alvo. 7 — Bola ao muro. 8 — Por cima e por baixo. 9 — Porco em chiqueiro.

VULTOS E FACTOS: 1 — Bernardino de Souza Pereira.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — A dança das folhas.

ESCOTISMO.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS: 1 — Uma do Manéu. 2 — Gaúcho. 3 — A raposa e o gallo. 4 — Trovas brasileiras.

SECRETARIA DO INTERIOR: Varios despachos.

S. PAULO - Brasil

1926

# REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Julho de 1926

N.º 19



REVISTA ESCOLAR

*Anna de Oliveira*

S. Paulo — julho — 1926.

*Instituição essencialmente educativa, a escola primaria integraliza sua acção cultivando com carinho os sentimentos do alumno. Neste particular, ella não confia muito no poder da instrucção propriamente dita: conhecimentos sobre arithmetica, physica, geographia etc., etc. . . não têm a força nem tampouco a magia de formar o coração. Ella sabe que a verdadeira educação não é meramente instructiva, mas suggestiva e, por isso, directora, isto é, capaz de introduzir no cerebro não só idéas susceptiveis de duplo uso, na expressão de Socrates, mas sentimentos e habitos de proceder ligados a habitos de pensamentos elevados. A escola primaria comprehende, finalmente, que o desenvolvimento moral, tão acertadamente denominado — cultura, pelos allemães, torna a educação sensivelmente superior á instrucção, porquanto esta apenas auxilia a dirigir a primeira, que, por sua vez, é a unica capaz de crear energias vivas para bem conduzir o individuo, quer isoladamente, quer no seio da collectividade social.*

*Apoiando-se nestes principios, nossas escolas não descuram de aperfeçoar o character de seus alumnos, e para*

isso costumam valer-se das OPPORTUNIDADES que se lhe offerecem, e dellas tirar proveitosas lições.

Incontestavel é o valor de tal processo tendente a aprimorar os sentimentos do educando: o ensino ahi surge cheio de vida á mente do alumno. Porque este, ainda sob o dominio dum facto que o impressionou e a respeito do qual o mestre desenvolve os respectivos commentarios, applica-lhe toda a attenção, comprehende-lhe os prós e os contras, delle se assenhoreia e, consequentemente, tira illações de inestimaveis beneficios para a sua cultura moral.

Não pôde, pois, haver melhor processo, porquanto delle promanam suggestões que fazem a idéa penetrar do exterior para o cerebro ahi inoculando-se, por assim dizer, para se transformar em habito — este poderoso factor de toda educação.

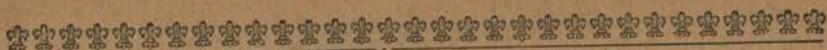
Valem, portanto, mil vezes mais as OPPORTUNIDADES, as occasiões favoraveis, do que as prelecções formalisticas sobre moral, quasi sempre de effeito nullo, pois raramente conseguem despertar o interesse da criança.

Aproveitar circumstancias tão propicias para boas lições de moral, na escola, é sem duvida o processo mais facil e seguro de o mestre conseguir o seu desiderato em assumpto de tamanha monta. E não ha meio tão rico dessas OPPORTUNIDADES como o meio escolar, onde no convivio diario entre mestre e alumnos, nas palestras quotidianas, nas occupações varias, nos textos de leitura, nas horas de recreação etc., etc., apresentam-se sempre factos dignos de sêr tomados como themes para as lições referidas.

*Aproveitar, repetimos, essas OPPORTUNIDADES é representar a escola o seu verdadeiro papel de educadora; é confirmar o seu justo renome de — prolongamento do lar.*

*E, des'arte, ella desempenha, de facto, o seu mistér na obra da verdadeira educação, que, segundo Kant, deve desenvolver o individuo em toda a perfeição de que é susceptivel.*





# LIÇÕES PRATICAS

## ARITHMETICA

### REGRA DE TRES

*As regras desempenham papel importante no estudo da Arithmetica, mas ellas devem sêr descobertas e formuladas pelos proprios alumnos. E' verdade que o desenvolvimento de regras e principios obedece á direcção do professor, que muitas vezes precisa vir em auxilio do alumno. Quando assim aprendidas, as regras não serão para o estudante asseverações dogmaticas, mas sim fórmulas proprias para relembrar o que elle mesmo descobriu.*

*Professor.* — O' Alvaro, que está você falando ahí?

*Alumno.* — Eu estou dizendo ao Julio que, quando eramos 40 aqui na classe, uma caixa de pennas nos durava 18 dias, e agora que somos sómente 30, quanto tempo será que nos ha de durar?

*A.* — Você quer saber demais! Só esperando gastar a caixa toda...

*P.* — Não, senhor. O problema do Alvaro é facil, e vocês mesmo vão resolvel-o.

*A.* — Mas, nós nunca fizemos dessas contas!

*A.* — E' quasi querer adivinhar!

*P.* — Não vê como é facil. A primeira coisa que eu quero é que pousem os lapis nas carteiras e depois acompanhem com attenção o Mario, que virá ao quadro-negro.

Repita a sua pergunta, Alvaro, faça o favor.

*A.* — Como si fôsse um problema?

*P.* — Como você quizer.

A. — Si 40 meninos gastam uma caixa de pennas em 18 dias, quanto durará a mesma caixa para 30 alumnos?

P. — Escreva no quadro-negro os dados do problema collocando, uma embaixo da outra, as quantidades da mesma especie.

A. — As *quantidades homogeneas*?

P. — Isso mesmo.

A. — Então, são 40 *meninos* e depois 30 *meninos*.

A. — Mas, os 18 *dias* não têm companheiro. Não ha outra quantidade da sua especie.

P. — Bem. Que é que queremos saber?

A. — Quanto tempo, quantos dias vão durar as pennas.

P. — Então, é a resposta que vae nos mostrar o *companheiro* dos 18 *dias*. Mas, como não sabemos ainda qual é essa resposta, ella é a *incognita* do problema e representamol-a por um X.

A. — Escreve:

40 <i>meninos</i>	18 <i>dias</i>
30 <i>meninos</i>	X <i>dias</i>

P. — Agora, vamos escrever de traz para deante.

A. — Que engraçado! Ha de sêr interessante!

P. — Vão vêr: aqui no fim do quadro, escreva o X.

A. — A resposta que ainda não sabemos.

A. — A *incognita*.

P. — Sim; vão prestando muita attenção.

Não se esqueça, Alvaro, de escrever junto ao X o que elle representa.

A. — (Escreve.) Prompto: X *dias*.

P. — A' esquerda do X, ponha o seu *companheiro* da mesma especie.

A. — Os 18 *dias*, não é? (Escreve: 18 *dias* X *dias*.)

P. — Justamente... Será, que para vocês 30, as pennas vão durar menos do que quando vocês eram 40?

A. — Devem durar mais.

A. — Pois nós somos menos! Está claro!

P. — Então, já sabem que o  $X$  vai ser maior que o seu *companheiro*.

A. — Sim, vai ser mais que 18 *dias*.

P. — Quando sabemos que  $X$  é maior que o *companheiro*, escrevemos o numero maior das outras duas quantidades em 3.º lugar, bem entendido, porque começámos a escrever pelo fim.

A. — Então, os 40 *meninos* vão aqui junto dos 18 *dias*.  
(Escreve.) 40 *meninos* 18 *dias*  $X$  *dias*.

P. — E depois os 30 *meninos*.

A. — Em 4.º lugar?

P. — Sim, mas lembrando-se sempre que começámos pelo fim, mas que realmente esse é o 1.º lugar.

A. — E o  $X$  realmente está em 4.º lugar.

P. — Esses 4 numeros são os 4 termos duma proporção. Lembram-se dos signaes que separam os termos duma proporção?

A. — Eu já sei. (Escrevendo e depois lendo.)

30 *meninos*: 40 *meninos*: : 18 *dias*:  $X$  *dias*.

P. — Conhecemos o que, José?

A. — Os dois *meios* e um *extremo*. O senhor já nos ensinou isso.

P. — E como faremos para achar o outro extremo? Lembra-se?

A. — Multiplicando os dois meios e dividindo o producto pelo extremo conhecido. (Fazendo as operações.)  $X$  é igual a 24.

P. — Vinte e quatro o que?

A. — Vinte e quatro *dias*.

P. — Agora, leia de novo o problema, dando a resposta.

A. — Si 40 *alumnos* gastavam uma caixa de pennas em 18 *dias*, 30 *alumnos* gastarão uma caixa igual em 24 *dias*.

P. — Muito bem. Já vêm vocês que não foi muito difficil. Quantos dados tinhamos?

A. — Tres dados: 40 *alumnos*, 30 *alumnos* e 18 *dias*.

P. — Conhecemos no problema só tres coisas; esta especie de problemas chama-se *regra de tres*.

A. — Conhecemos tres coisas e queremos saber a *quarta*.

P. — Vejamos um outro problema desses.

A. — Eu posso ir ao quadro-negro?

P. — Venha, sim, Julio.

A. — Eu gostei dessa conta.

P. — O anno passado vocês eram 40 e fizeram 68 *trabalhos* para a exposição. Este anno são apenas 30. Si trabalharmos na mesma proporção, quantos *trabalhos* teremos?

A. — (Escrevendo.) Já sei que a primeira coisa é pôr as quantidades homogeneas juntas.

40 *alumnos*

68 *trabalhos*

30 *alumnos*

X *trabalhos*

P. — Sim, sempre nessa ordem, que não terão difficuldade.

A. — (Escrevendo.) O 4.º termo é o X; o 3.º é o *compañheiro* delle — os 68 *trabalhos*.

Agora é que é preciso cuidado! E' preciso pensar muito bem!

P. — Pense, então, e fale alto.

A. — Si 40 *meninos* fizeram 68 *trabalhos*, 30 *meninos* farão menos.

Aqui é ao contrario do outro problema: o numero menor vae agora e depois o maior, como primeiro termo.

40 *alumnos*: 30 *alumnos*: : 68 *trabalhos*: X *trabalhos*.

(Faz o calculo.) Nós temos de fazer pelo menos 51 *trabalhos*.

A. — E' facil.

A. — Com o que é preciso mais cuidado é com o primeiro e o segundo termo.

P. — Na proxima lição continuaremos nosso estudo.



## GEOGRAPHIA

## AMERICA DO SUL: ASPECTOS GEOGRAPHICOS DIGNOS DE NOTA

*“E’ muito interessante o estudo do relevo deste continente (cuja espinha dorsal é constituída pela extensa cordilheira que domina a costa occidental) de seus systemas fluviaes, de suas vastas planicies, da diversidade de seus climas, do rapido desenvolvimento de suas capitães, da localizaçãõ pittoresca dalgumas cidades andinas etc. Contém dar todo o desenvolvimento possivel á parte relativa a viagens imaginarias.”*

*Professor.* — (Mostrando aos alumnos o mappa da America do Sul.) Vejam que lindo mappa!

*Alumno.* — E’ verdade! E que mappa grande e bem colorido!

*P.* — Prestem muita attençaõ. Por esse mappa vamos hoje começar o estudo da America, este vasto continente que foi descoberto... por quem foi mesmo, Lauro?

*A.* — Por Christovam Colombo.

*P.* — Muito bem. Olhem aqui por onde eu estou passando o ponteiro, e digam-me que paiz é este tão grande, que occupa a maior parte do continente sul-americano. Responda, José, pelos seus collegas.

*A.* — Esse paiz é o Brasil, a nossa patria querida.

*P.* — Vamos conhecer os *principaes* aspectos geographicos não só da America do Sul, como principalmente do nosso paiz. Para isso empreenderemos uma viagem immaginaria por todo o seu vasto territorio. Mas, como já fizemos muitas viagens de trem, navio etc., faremos esta pelos ares.

*A.* — Então, iremos de aeroplano?

*P.* — Exactamente. Vamos viajar num grande dirigivel; assim, vocês todos poderão vêr, do alto, o territorio sul-americano. Irão, estou certo, ficar maravilhados com tantas bellezas Prompto. (Mostrando a Serra do Mar.) Estão vendo esta serra, aqui?

*A.* — Que serra será essa, tão bonita?

P. — Examine-a bem e verá.

A. — E' a *Serra do Mar*.

P. — Justamente. Nosso dirigivel vae caminhando para o litoral.

Podemos bem vêr que a *Serra do Mar* faz parte da *Cadeia Oriental* ou *Maritima*, que se extende (vejam) desde Sergipe até ao Rio Grande do Sul, correndo parallelá á costa.

A. — Que lindo panorama não se ha de desfrutar do alto desta serra!

P. — Bem pensado, Antonio!... Olhem agora aqui este outro ponto.

A. — Aqui é o mar.

P. — Sim: este é o *Oceano Atlantico*, que banha a costa oriental da America. A proposito: essa costa é pouco ou muito recortada pelo mar? Examinem bem o nosso mappa.

A. — E' pouco recortada, professor.

P. — Muito bem. As costas da America do Sul são pouco recortadas, como as da Africa... Vejam agora si encontram nessas costas alguma bahia, algum porto.

A. — Prompto, professor. Aqui está uma bahia.

P. — E' o *Porto de Santos*, o mais importante do Estado de S. Paulo e o segundo do Brasil.

A. — E a primeira bahia do Brasil qual é?

P. — Procurem, mais para o norte.

A. — Aqui está: *Bahia de Guanabara*.

P. — Exactamente. A *Bahia de Guanabara*, a mais bella do mundo, banha a capital brasileira... Qual é mesmo a capital do nosso paiz?

A. — E' o *Rio de Janeiro*.

P. — Vão olhando sempre para o que eu apontar. Indo para o norte, temos as bahias de *S. Salvador*, *Recife*, *S. Luiz*; e para o sul: as bahias de *S. Sebastião*, *Ubatuba*, *Paranaguá*, *S. Francisco*, *Rio Grande* etc.

A. — Quantos navios não haverá nessas bahias!

P. — Muitissimos... Agora, que estamos ao sul, vejamos aqui o *Rio da Prata*, em cujas margens ficam estas duas grandes

ciudades da America do Sul: *Montevideo*, capital do *Uruguay* e *Buenos Ayres*, capital da *Republica Argentina*.

A. — Como é grande o *Rio da Prata*!

P. — Sim: é um grande rio formado pelas águas dos rios *Paraná*, *Paraguay* e *Uruguay*.

A. — Parece que aqui ha de haver grandes planicies... Eu não vejo montanhas.

P. — Sim, aqui são os *pampas*, immensos planos que se extendem até á *Patagonia*.

A. — Mas, temos na America do Sul, outras planicies, além dos *pampas*?

P. — Temos, sim. Vejam: a do *Orinoco*, que comprehende os *llanos* da *Venezuela*; a do *Amazonas*, coberta de immensas florestas. Assim como temos extensas e lindas planices, tambem temos altissimos planaltos, como o que vae da *Colombia* á *Bolivia* e o grande *Planalto Central do Brasil*.

A. — Eis aqui outra grande serra, professor!

P. — Essa é a immensa cordilheira que se prolonga por toda a costa occidental da America, contendo os vulcões mais terriveis e elevados do globo.

A. — E como se chama?

P. — Essa grande cordilheira, que vocês estão vendo, chama-se *Cordilheira dos Andes*; percorre toda a costa occidental da America do Sul.

A. — Aquelle é ainda o *Oceano Atlantico*?

P. — Não. As costas occidentaes da America são banhadas pelo *Oceano Pacifico*; ellas são muito uniformes, como estão vendo... Mas, vamos para o norte.

A. — E aquelle mar, como se chama?

P. — Não é um mar, meu pequeno; é o grande e majestoso *Rio Amazonas*, que com seus numerosos affluentes, fórma a bacia amazonica, uma das mais importantes do globo... Quem quer me dizer onde vae desembocar o *Amazonas*?

A. — Elle vae desembocar no *Oceano Atlantico*.

P. — Mas, em que ponto?

A. — Aqui, no *Estado do Pará*, junto á ilha *Marajó*.

P. — Continuemos nossa viagem. Olhem outro rio.

A. — Que rio é esse, professor?

P. — É o *Tocantins*.

A. — E esse outro?

P. — É o *S. Francisco*, onde se acha a famosa *Cachoeira de Paulo Affonso*... Estamos agora na bahia de *Guanabara*. Vejam como é bella. Não menos bella é a cidade do *Rio de Janeiro* por ella banhada.

A. — E aquella serra, qual é?

P. — É ainda a *Serra do Mar*. Vamos transpôl-a já. Sigamos o leito da Estrada de Ferro Central do Brasil, por aqui. Prompto, eis-nos novamente em S. Paulo.

Vocês hoje ficaram conhecendo alguns aspectos geographicos da America do Sul. Havemos de fazer ainda outras viagens, para continuarmos o nosso estudo.

## PHYSICA

### FILTRAÇÃO É EVAPORAÇÃO

*O professor deve sempre têr em vista que é muito mais importante educar na criança as faculdades de observar e raciocinar do que encher-lhe a memoria de regras e doutrinas.*

(A' mesa o material necessario para illustrar a lição, como: papel de filtro, ou mata-borrão, funis, fogareiro etc.)

*Professor.* — (Mostrando um cópo com agua, onde se vê depositada uma camada de giz.) Como será que poderemos retirar todo este giz da agua?

*Alumno.* — Coando a agua.

P. — Então, vamos coal-a.

A. — Pelo papel?

P. — Sim. Arranje, Antonio, o papel no funil... Agora, despeje sobre elle a agua em que está o giz.

A. — A agua passou.

P. — Como? Por onde passou ella?

A. — Pelos póros do papel.

P. — E o giz, tambem passou?

A. — Não, senhor; os pedacinhos de giz ficaram depositados sobre o papel.

P. — Porque não passaram pelos póros também?

A. — De certo porque esses póros eram muito pequenos.

P. — Reparem na agua que passou para o cópo, aqui embaixo.

A. — Está bem clara e limpa.

P. — Isto que fizemos, chama-se *filtrar*, ou *filtração*.

O papel, assim como a flanella, a areia, o pedregulho, o carvão etc., emfim, qualquer corpo que deixe passar o liquido e retenha as particulas sólidas nelle contidas, tem o poder de filtrar.

Tome agora este outro cópo, Paulo. Próve a agua nelle contida e diga-me o que ha nessa agua.

A. — (Provando.) Sal.

P. — Como sabe?

A. — Pelo gosto.

P. — Tome um papel de filtro e arranje-o neste funil.

A. — Vamos filtrar a agua de sal?

A. — Sim, mas é melhor dizer: *solução de sal*.

A. — A solução já passou toda pelo papel.

P. — Quando filtrámos a agua com giz, onde ficou o giz?

A. — No papel.

P. — E agora, onde está o sal?

A. — No papel não ficou. De certo ainda está na agua.

P. — Prove a agua outra vez.

A. — (Provando.) Está salgada. Ella ainda contém sal.

P. — O giz estava dissolvido na agua?

A. — Não estava.

P. — E o sal?

A. — O sal estava dissolvido, sim.

(Do mesmo modo poderá sêr filltrada uma solução de assucar, fazendo-se o alumno proval-a depois, para certificar-se de que o assucar continúa ainda no liquido.)

P. — A filtração retirou as substancias dissolvidas na agua?

A. — Não as retirou, não, senhor.

P. — Que substancias, então, podem sêr retiradas pela filtração?

A. — As que não estão dissolvidas.

A. — As que não formam *soluções*.

A. — Não adianta, então, filtrar a água do mar!

P. — Filtrando a água do mar podemos retirar-lhe as substancias estranhas que nella se encontrem *não em dissolução*.

A. — O sal fica sempre?

P. — Fica porque está dissolvido na água.

A. — E não se póde retirar de nenhum modo o que está dissolvido?

P. — Podemos, sim; o calor encarrega-se disso. Querem vêr?

A. — Queremos, sim, senhor.

P. — (Aquece um pouco de salmoura bem forte, á chamma do fogareiro.) Vejam, agora, o que ficou nesta vasilha.

A. — Ficou só essa substancia branquinha. A água desapareceu.

P. — Que substancia será essa? Prove-a.

A. — E' sal.

P. — Mas, para onde foi a água?

A. — Foi, em estado de vapor, para o ar.

P. — Muito bem. E por isso dizemos que a água *vaporizou-se*.

A *vaporização* ou *evaporação* dá-se na superficie dos líquidos.

A. — Como nas salinas?

P. — Sim: o sal é retirado da solução pela *evaporação*.

A. — Na *filtração*, ficámos com a água e o giz; na *vaporização*, a água desapareceu no ar e ficou só o sal.

P. — Justamente. Vejo, com prazer, que compreenderam bem.

---

## LINGUAGEM

SENTENÇAS: PREDICADO, VERBO ETC.

*Professor.* — Lembrem-se do nosso estudo sobre o *sujeito*?

*Alumno.* — Sim. Já estudámos bem os sujeitos.

P. — Vejamos agora o resto da sentença. Que disse eu a respeito?

A. — O senhor disse que tudo que não é *sujeito*, numa sentença, é *predicado*.

P. — Escreva, Arthur, estas sentenças no quadro-negro:

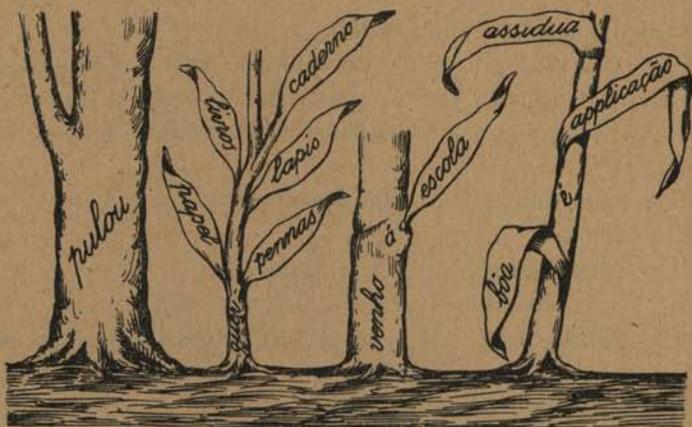
1 — *O gato pulou.*

2 — *Carlos quer papel, pennas, livros, lapis e cadernos.*

3 — *Eu venho á escola.*

4 — *Ella é boa, applicada e assidua.*

P. — (Mostrando os desenhos no quadro-negro.) — Aqui temos uma planta, para o nosso estudo sobre as sentenças.



A. — Os sujeitos são representados pelas *raizes*, não é mesmo, professor?

P. — Sim, mas vejamos o sujeito da primeira sentença, Alvaro?

A. — (Lendo a sentença.) O sujeito é — *o gato*.

(*Os sujeitos das outras sentenças serão também achados.*)

P. — Então, como já vimos, tudo o que não é sujeito, é...?

A. — *Predicado*.

A. — Assim, toda a porção da planta que estamos vendo, podemos comparar com o predicado, na sentença?

P. — Exactamente... Qual é o predicado da primeira sentença?

A. — (Lê em voz alta.) *E' — pulou.*

(*Os alumnos acharão os predicados das quatro sentenças.*)

P. — Qual é a parte mais forte da planta, donde saem as outras, como os galhos, as folhas etc?

A. — E' o *caule*.

P. — Na *sentença*, essa parte é o *verbo*, que é a parte mais importante do *predicado*.

Qual será o *verbo* da primeira *sentença*? Vejam a *figura*.

A. — E' — *pulou*.

P. — Então, essa parte pôde bem occupar o *caule* da primeira *figura*. Escrevam-n-a ahi.

A. — (Escreve *pulou*, no *caule* do primeiro *desenho*.)

(*Egualmente serão achados os verbos das outras sentenças, e collocados nos respectivos caules.*)

P. — Alguns *predicados* são como as *arvores velhas*, que só têm o *cepo*, como na 1.<sup>a</sup> *figura*.

A. — Ah... já sei: esses *predicados* só têm *verbo*, não é verdade?

P. — Isso mesmo... Ache um desses *predicados* no *quadro-negro*.

A. — O primeiro: — *pulou*.

P. — Estes *verbos*, que não pedem nada para completar o sentido, são *verbos intransitivos*, de *predicação completa*.

A. — Então, o *verbo pulou* é *intransitivo*.

(*Muitos exemplos devem sêr dados, até que se grave bem a idéa de verbo intransitivo.*)

P. — Às vezes, acontece que no *cepo* vêm viver e enfeitá-lo plantas parasitas. Não que o *cepo* precise dellas.

Assim também são os *verbos intransitivos*... Si você, Arné-rico, quizer explicar melhor, como foi que o gato pulou, como diria?

A. — O gato pulou alto.

A. — O gato pulou da cadeira.

P. — Muito bem. *Alto* e *da cadeira* são *complementos* que modificam o *verbo pulou*, mas que não são indispensaveis, para que esse *verbo* possa formar *sentido completo*.

A. — São os *enfeites*.

P. — Leia, Armando, o *sujeito* da segunda *sentença*, junto com o seu *verbo*.

A. — (Lê.) *Carlos quer.*

P. — Está completo o sentido desse verbo?

A. — Não, senhor. Falta saber o que Carlos quer.

(*Egualmente serão lidos os sujeitos da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> sentença juntamente com os seus verbos, chamando-se a atenção da classe para o sentido, que está incompleto.*)

P. — Vejamos o que Carlos quer?

A. — *Papel, pennas, livros, lapis e cadernos.*

P. — Que é que completa a significação do verbo, Antonio, na 3.<sup>a</sup> sentença?

A. — *A' escola* é o que completa a sentença.

P. — Quando eu digo *ella é*, você entende o que eu digo?

A. — Falta dizer o que.

P. — Já vêm vocês que ha complementos que fazem falta e outros que não o fazem.

A maioria dos nossos *verbos* precisa dalguma coisa para completar o sentido, precisa de complementos indispensaveis.

A. — Esses não são enfeites, são coisas uteis.

P. — Os complementos indispensaveis são chamados *complementos essenciaes*, e os outros são *accidentaes*.

A. — *Papel, pennas, livros, lapis e cadernos*, na 2.<sup>a</sup> sentença, formam um *complemento essencial*.

A. — *A' escola* tambem é complemento essencial do verbo *venho*.

A. — *Boa, applicada e assidua* formam o complemento essencial do verbo *é*.

P. — Sim, todos esses complementos são *essenciaes*, mas differentes uns dos outros, como veremos amanhã.

---

## GEOMETRIA

### FIGURAS EQUIVALENTES

*“A geometria realmente descritiva e intuitiva é a unica que deve ter o direito de entrara nas escolas primarias.”*

*Professor.* — Tomem seus novos cadernos de contas.

*Alumno.* — Estes cadernos são differentes dos outros.

A. — Nelles não cabem muitas contas.

P. — Porque pensa você que nelles cabem menos contas?

O formato delles é outro, mas acho que nelles caberá o mesmo que nos velhos.

A. — Parece que são menores.

A. — Pelo menos são mais estreitos.

A. — Mas também são mais compridos.

P. — Vejamos. Mario, o seu caderno, que é dos antigos, que tamanho tem?

A. — (Medindo.) Elle mede  $0,^{m}20$  por  $0,^{m}21$ .

A. — E' quasi quadrado.

P. — Meça agora o seu, Antonio, que é de formato novo.

A. — (Medindo.) O meu tem  $0,^{m}175$  por  $0,^{m}24$  de altura.

P. — Que fórmula, que figura geometrica representam os seus cadernos?

A. — Tanto os novos como os velhos são *rectangulos*.

P. — Lembram-se como achámos a area dos rectangulos?

A. — Multiplicando-se a base pela altura.

P. — Vão ao quadro-negro, Mario e Antonio.

Cada um de vocês vae achar a area do seu respectivo caderno.

A. — Saber o espaço que cada caderno occupa?

P. — Isso mesmo.

A. — Assim poderemos saber qual o caderno em que cabem mais contas.

A. — (Faz a operação.) A area da pagina do meu caderno é de  $0,^{m^2} 0420$ .

A. — Que interessante! A area do meu caderno deu a mesma coisa!

A. — Então, cabe o mesmo numero de contas, tanto num caderno como noutro.

P. — Estes dois cadernos, estes dois rectangulos, porque occupam a mesma area, chamam-se *rectangulos equivalentes*. (Tomando uma folha do caderno velho.) Isto é um...?

A. — *Rectangulo*.

P. — Quanto mede elle?

A. — De altura  $0,^{m}20$  e de base  $0,^{m}21$ .

P. — (Dando a folha de papel a um alumno.) Parta o rectangulo ao meio, no sentido da base.

A. — Ficam dois rectangulos de  $0,^m10$  por  $0,^m21$ .

P. — Junte as partes mais curtas.

A. — Ficou um rectangulo comprido.

P. — Que comprimento tem agora?

A. — Tem  $0,^m42$  de base e  $0,^m10$  de altura.

A. — A base dobrou e a altura ficou pela metade.

P. — A area do rectangulo foi modificada?

A. — Não, senhor. Só cortámos o papel, mas não diminuimos nem accrescentámos pedaço algum.

A. — Só mudou de fórma.

A. — Esse rectangulo comprido e a folha do caderno são *rectangulos equivalentes*.

P. — Tire um centimetro desses papeis, no comprimento.

A. — Ficaram quadrados.

P. — Medindo quanto?

A. — Medindo  $0,^m20$  por  $0,^m20$ .

A. — A area deste quadrado e de  $0,^{m2}040$ .

P. — Tome um desses quadrados. Dobre-o e corte-o pelo meio.

A. — Ficaram dois rectangulos.

A. — De  $0,^m20$  de base e  $0,^m10$  de altura.

P. — Junte as bases em linha recta,

A. — Assim, teremos um rectangulo comprido de  $0,^m40$  por  $0,^m10$ .

P. — Cuja area será de...? Quanto?

A. — De  $0,^{m2}040$ .

P. — Tome, Alvaro, outro dos nossos quadrados. Dobre-o pelo meio na direcção dos vertices não consecutivos.

A. — Pela diagonal?

P. — Sim, corte-o pela diagonal... Que tem você agora?

A. — Dois triangulos rectangulos eguaes.

P. — Colloque juntos os triangulos, de modo a formarem um só.

A. — Assim formam um triangulo grande.

P. — Qual é a area desse triangulo?

A. — E' a do quadrado cortado e depois reunido. Deve ter a mesma area.

P. — Quanto tem de base o triangulo?

A. — Tem 0,<sup>m</sup>40.

P. — E de altura?

A. — Tem 0,<sup>m</sup>20.

P. — Faça o calculo para saber a area desse triangulo.

A. — A area do triangulo é igual á metade da base multiplicada pela altura. (Fazendo o calculo.) A area desse triangulo é 0,<sup>m</sup>040.

A. — Ainda posso collocar os dois triangulos juntos formando esta outra figura.

P. — Que figura é?

A. — Um parallelogrammo.

P. — Este parallelogrammo que area terá?

A. — A base, que é 0,<sup>m</sup>20, multiplicada por 0,<sup>m</sup>20, que é a altura, dá a area de 0,<sup>m</sup>040.

A. — Um *quadrado*, um *rectangulo*, um *triangulo* e um *parallelogrammo* com a mesma area!

P. — Todas as figuras que têm a mesma area são *figuras equivalentes*.

A. — Não precisam sêr todas *rectangulos*.

A. — A fórma não importa; basta que tenham a mesma area, não é exacto?

P. — Justamente.

---

## HISTORIA DO BRASIL

24 DE MAIO

*O facto historico explicado na data do seu acontecimento impressiona, fixa-se melhor.*

*Alumno.* — (Depois de lêr no quadro-negro a data 24 de Maio.) Hoje não é feriado?

A. — A mim tambem me pareceu conhecida a data de hoje.

A. — Eu sei que é data celebre, porque nós temos uma rua com esse nome.

*Professor.* — Bem disse Carlos que a data 24 de Maio é celebre. Não é feriado, mas é data que deve sêr lembrada e commemorada, especialmente nas escolas.

A. — Que representa essa data?

A. — Então, você não se lembra da Guerra do Paraguay?

A. — Ah!... É verdade! 24 de Maio de 1866.

P. — Voltemos, então, a esse mez e anno, não para recordar horrores e tormentos, mas para estudar e melhor gravar os acontecimentos e os actos de bravura dos nossos soldados.

A. — Foi um horror!

P. — Sim. O mez de maio de 1866 foi para as forças brasileiras empenhadas na tremenda campanha contra o dictador Solano Lopez, um mez de penosissimos trabalhos.

Nos primeiros dezesete dias travaram-se muitas pequenas pelejas. De 17 a 23 houve um descanso.

A. — Ainda foi bom.

A. — Tiveram tempo de se preparar para o dia 24.

P. — Durante esse intervallo o General Osorio tratou de refazer as suas forças. Os seus trinta e dois mil bravos preparavam-se para encetar a marcha a 25.

A' luz dum sol bellissimo vinte e cinco mil paraguayos cahiram repentinamente sobre o acampamento brasileiro.

A. — Eu pensava que as batalhas davam-se á noite.

P. — Pois essa, a de *Tuyuty*, deu-se ás onze horas da manhã. Dizem até que os nossos soldados estavam almoçando.

A. — Não acabaram o almoço!

A. — Como foi que deixaram os paraguayos chegar sem os perceberem?

P. — Osorio, Mitre e Flôres desconheciam o territorio, que era por demais conhecido dos paraguayos.

A. — Pudera! Estavam na terra delles. Deviam conhecê-la.

P. — Fogo terrivel e continuo, que durou cinco horas, deu-nos afinal a victoria.

A. — O General Osorio commandava as nossas forças, mas quem o ajudava?

P. — Millet, Sampaio e Argollo foram alguns dos heroicos companheiros de Osorio.

A. — Então, hoje precisamos cobrir de fôres o retrato do General Osorio, uma vez que não temos retratos dos outros.

P. — Conta-se que, como por encanto, negro de fumo, com a tez bronzeada pelo sol, ebrio de heroismo, appareceu o General, gritando: “Viva o Brasil! Coragem! A’ frente! A’ frente!”

A. — Aposto que depois disso, todos lutaram melhor.

A. — Quantos homens perderam os paraguayos nesta batalha?

P. — Muitos: perto de quatro mil. Nós tambem perdemos mais de tres mil. O numero a gente esquece com facilidade; o que não se esquece é a bravura indomita de Osorio e seus commandados.

A. — Papae diz que o General Osorio era um valente!

P. — Era um destemido: punha-se nos logares onde mais forte era a peleja.

A. — E como acabaram a batalha?

P. — Os inimigos fugiram na maior desordem.

A. — Porque será que essa batalha não fez terminar a guerra?

P. — O General Osorio, em seu relatorio, disse que si nós tivéssemos tido cavallhada sufficiente, com que pudessemos perseguir o inimigo na sua retirada desastrosa, muito provavelmente a batalha de 24 de Maio teria posto termo a guerra.

A. — Que pena que não pudessemos perseguil-os!



## ANIMAES NOCIVOS

## A MOSCA

*Alumno.* — Que mosca importuna, que não me deixa escrever!

*Professor.* — Ellas não só são importunas, como sujas e nocivas. São perigosas mesmo.

*A.* — Perigosas! Como? Pois ellas não mordem!...

*P.* — Ellas não mordem, mas são transmissoras de doenças.

*A.* — Não entendo como pôdem transmittir doenças, quando não mordem!

*P.* — Não vêem vocês como as moscas gostam de tudo que é immundo? Nada é sujo para ellas. Pousam em detritos vegetaes e animaes, onde ha bacterias de molestias, especialmente do typho, e depois voam e entram em nossas casas com esse veneno no seu corpo.

*A.* — E vêm voar e pousar sobre a nossa comida.

*A.* — Ellas gostam de pousar no assucar, no leite etc.

*P.* — A mosca leva consigo sujeira, onde quer que vá. Vejamos os seus habitos, a sua vida, para que tratemos de ex-terminal-as e de evitar o seu contacto.

*A.* — A mosca põe óvos, não põe?

*P.* — Uma só mosca põe tanto como 120 óvos.

*A.* — Dez duzias!

*P.* — No esterco ou em qualquer residuo animal ou vegetal, as moscas põem os seus óvos. Seis a oito horas depois de postos, esses óvos transformam-se em larvas. As larvas alimentam-se, durante uns cinco dias, da substancia em decomposição sobre a qual foi o ovo posto. Depois desse tempo transformam-se em chrysallidas, donde, depois duns seis dias, saem as moscas. Dentro de poucos dias essas novas moscas põem óvos, e começa nova geração.

*A.* — E' um nunca acabar de moscas!

*A.* — Mas, como é que ellas transmittem as doenças?

*P.* — (Mostrando uma mosca sob uma lente). Olhe, aqui nesta lente.

A. — Como a mosca ficou grande!

A. — A cabeça e as pernas estão cobertas duma porção de pellinhos.

P. — Esses pellinhos são os conductores das bacterias. Enchem-se com facilidade das bacterias, ou microbios nocivos.

A. — Então, por onde a mosca passa ou onde põe a bocca vae deixando esses microbios?

P. — Justamente.

A. — Vou tomar bastante cuidado para não deixar as moscas poußarem em nada do que é meu.

A. — Especialmente no que fôr de comer.

P. — O que é preciso é evitar a accumulacão, perto das nossas casas, do lixo ou outras substancias de que as moscas gostam, e assim evitar que ahi deitem óvos.

A camara municipal duma localidade, ao norte da Inglaterra, onde ha muita gente pobre e ignorante, chegou á conclusão de que seria muito mais barato fornecer, á sua custa, leite puro, que não tivesse sido contaminado pelas moscas, do que pagar pelo enterro do grande numero de pobres crianças, sacrificadas por causa das moscas.

---

## EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

### O SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO

*“Todo o brasileiro é obrigado ao serviço militar, em defesa da patria e da Constituição, na fórma das leis federaes. Ninguem tem o direito de furtar-se ao preparo militar.”*

*Professor.* — Que é que vocês tanto olham lá para fóra? Isso é falta de attenção; é muito feio.

*Alumno.* — Desculpe-nos, professor; estavamos a olhar a Força Publica que vae passando.

*P.* — Está bem. Podem levantar-se para vê-la passar, mas, com muita ordem!... Então, estão satisfeitos agora?

A. — Sim, professor.

P. — Parece que vocês gostam de vêr soldados a marchar, não é verdade?

A. — Eu gosto muito.

A. — Eu tambem, professor.

P. — Sabem vocês que no Brasil, assim como em quasi todos os paizes do mundo, todo o cidadão é obrigado a sêr soldado, a fazer o serviço militar?

A. — Eu não sabia!

P. — Pois assim é. Todo o cidadão deve prestar este serviço ou no exercito, ou na armada.

A. — Que é *exercito*?

P. — E' a força, o conjunto de soldados que um paiz possúe em terra.

A. — Quanto tempo precisamos ficar no exercito?

P. — Varia de um a dois annos, para voluntarios e sorteados, sendo em certos casos reduzido esse tempo a seis e quatro mezes para os voluntarios.

A. — E na marinha?

P. — O tempo de serviço de instrução é de dois annos para os sorteados e de tres para os voluntarios.

A. — *Sorteados*?!

P. — Já vou explicar. Todos os annos, os jovens que completaram 21 annos são alistados e em seguida escolhidos, *pela sorte*, para servir no exercito.

A. — Sendo sorteados, são obrigados a servir?

P. — Sim. E aquelle que não se apresentar é considerado desertor. E' preso, processado e punido pelas leis penaes militares.

A. — Mas, meu primo foi sorteado e não serviu!

P. — Ha mesmo casos em que a lei permite ao sorteado requerer "*habeas-corpus*," isto é, uma ordem do Juiz Federal, que o isenta do serviço militar.

A. — Ah!... mas o senhor disse que o serviço militar é obrigatorio!

P. — Sim, mas podem requerer dispensa delle:

a) os que forem sorteados quando ainda menores, isto é, antes de completarem 21 annos;

b) os incapazes, isto é, os que possuem defeitos physicos que os tornem impossibilitados de bem servir no exercito ou na marinha;

c) o filho unico, arrimo da familia etc., etc... Seu primo de certo estava nalgum desses casos... Falemos agora do *voluntario*.

A. — E' aquelle que vae de livre vontade, não é?

P. — Sim. E' todo aquelle que não espera sêr sorteado para servir o Brasil como soldado; apresenta-se espontaneamente, sem sêr obrigado a fazel-o.

A. — E ao que não é sorteado, que acontece?

P. — Nesse caso, si não quizer sêr voluntario, tambem não é mais obrigado a servir a patria militarmente. Obterá um certificado que o declara isento do serviço militar obrigatorio por ter sido alistado e não sorteado.

A. — Meu irmão tem caderneta de reservista nas linhas de tiros, e disse que está livre do serviço obrigatorio. E' verdade?

P. — Sim, elle fez um curso completo, que o torna apto para a vida militar e o ensina a bem agir no momento em que a patria reclamar os seus serviços como soldado.

A. — E' verdade que não se póde sêr empregado publico sem ter caderneta de reservista?

P. — Sim, ou então é preciso um attestado que declare estar o candidato ao cargo publico isento do serviço militar, em dia com as suas obrigações militares.

---



# PEDOLOGIA

## A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

### CAPÍTULO VI

#### O TYPO MOTOR

(Continuação)

Numa these notavel, que já tivemos oportunidade de citar, Gilbert Ballet, professor da faculdade de medicina de Pariz refere, nos seguintes termos, a sua propria observação: “Em mim, diz elle, as imagens motoras têm, nas combinações ordinarias de reflexão, uma intensidade muito grande. Tenho a sensação de que, salvo circumstancias excepcionaes, *não vejo nem entendo meu pensamento*; falo mentalmente. Em mim, como em quasi todos os *motores*, eu penso, a palavra interior torna-se muitas vezes bastante viva para que eu chegue a pronunciar em voz baixa os vocabulos.

Ahi está a fórma de imagens vivas, em nós *motores*. Por esta predominancia das representações motoras sobre as auditivas e as visuaes, explicam-se certas particularidades interessantes. Um visual encarregado duma lição (ouvi ha pouco Charcot apresentar exemplos muito frisantes) poderá escrevel-a em sua integra e depois lê-la mentalmente. E’ outra especie de *motor*; sua memoria visual sendo mênos viva, elle terá mais difficuldade em seguir com a vista o manuscrito, e si elle quizesse recorrer ao processo empregado pelo *visual*, se exporia a penosas interrupções na elocução. Para mim não ha utilidade alguma em preparar uma lição em seus detalhes; o melhor é contentar-me em apanhar-lhe as divisões principaes. Eu não posso

(a menos que não tenha um exercicio prolongado) lêr mentalmente minha lição. Mas em minha qualidade de *motor*, recordo-me claramente quando a fiz. *Minhas representações de articulação m'a repetem*, e ser-me-ia facil reproduzil-a com mais facilidade do que quando eu a fiz pela primeira vez."

Como se vê desta observação, os *motores* não vêem, não ouvem seu pensamento mas *o falam*. Nelles, não são as imagens visuaes ou auditivas das syllabas e das palavras que, em virtude da lei de associação, se chamam umas ás outras, mas sim os movimentos de articulação. Tomemos para exemplo este, verso de Racine:

*Sim, é Agamemnon, é teu rei que te desperta.*

Emquanto o *visual*, quando evóca, vê as imagens se succederem: *sim, é Agamemnon*, taes como ellas são escritas aqui, e o *auditivo* ouve os sons: *sim, é, A, ga, mem, non*, — o *motor* tem consciencia duma série de movimentos de articulação; a *im*agens dos movimentos produzidos para pronunciar *sim, é*, acarreta por sua vez a imagem dos movimentos necessarios para a palavra *Agamemnon*, e é ao lembrar-se destes movimentos que o *motor* se lembra das palavras.

Por esta importancia das imagens musculares na *linguagem interior*, concebe-se quanto ahi devem sêr apagadas as representações differentes. Emquanto as imagens auditivas em Egger têm total predominancia que elle desconhece quasi o papel das outras, no psychologo allemão Striker, ellas são relegadas a plano inferior e substituidas pelas *imagens motoras de articulação*. "Quando eu penso em palavras, escreve este ultimo, digô que as imagens auditivas, segundo a consciencia que dellas tenho, não intervêm de modo algum." E mais adeante: "O exame de minhas representações de palavras próva que ahi não se encontra nem imagem visual, nem lembrança dos caracteres da escrita." Evóca elle algum verso? Parece *pronuncial-o*. Detalhe curioso: nelle, as representações musicaes são motoras como as imagens verbaes.

Si Striker é o primeiro que, pela analyse detalhada do seu proprio caso, nos mostra taes particularidades de linguagem, pôde-se tambem, a julgar pela passagem seguinte dos "*Essais*,"

classificar Montaigne entre os *motores*. “O que falamos é preciso falarmos primeiramente a nós; é preciso fazermos soar em nossos ouvidos, antes de falarmos a outrem,” isto é, como explica Egger, a criança não pôde fazer ouvir a outrem nenhuma palavra si ella não tiver se exercitado antes a pronuncial-a por si mesma, em voz alta.

(*Continúa.*)

---

## A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(H. BOUQUET. — Trad.)

### PRAZERES E PENAS

(*Continuação*)

Assim é que, para mostrar sua alegria, a criança agita os braços e os pés algum tanto desordenadamente, mas bem differente da maneira por que os move na colera. A estes movimentos ella reúne pequenos gritos, esses sons alegres e suaves que constituem o que chamamos seu balbuciar e que falam tão bem ao coração das mães. Assim tambem notam-se os gritos estridentes e agudos por meio dos quaes a criança manifesta suas sensações desagradaveis, gritos que attingem, na colera, um diapásão quasi extraordinario, dado o pequeno sêr que os emite. Ao mesmo tempo, os gestos bruscos, as contorsões, a vermelhidão do rosto tomam parte na attitude geral que caracteriza o descontentamento. As lagrimas vêm, enfim, completar a scena.

Em realidade, as lagrimas são um signal bem importante nas crianças. Ellas não apparecem apenas quando as impressões desagradaveis têm uma razão verdadeira; manifestam-se na dôr, por exemplo, nesses desesperos tão profundos em apparencia, que as crianças têm por coisas que lhes parecem consideraveis e que os adultos não julgariam taes. Quando a

mãe se afasta subitamente do filho e desaparece do seu campo visual, ha, depois dum momento de espanto, uma verdadeira crise de desespero, na mór parte das crianças. Sem duvida succede, dum lado o desgosto de haver cessado uma sensação agradável, e doutro lado, uma idéa de isolamento, que é para as crianças um verdadeiro soffrimento. O que se observa bem é que nessas coleras sem causa de valor, as lagrimas quasi nunca sobrevêm. A criança, tomada nos braços, apresenta immediatamente uma physionomia sorridente, com as conjuntivas absolutamente seccas, ou pouco mais ou menos.

Mas ha um elemento extremamente importante que intervem a partir duma certa idade e que vae, na expressão da alegria, de occupar um logar preponderante: é o rir.

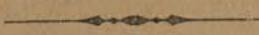
Com ansiedade a mãe aguarda o primeiro sorriso do filho. Ella o espera em geral entre o quarto e o quinto mez. E, no momento em que esse sorriso apparece, não exprime propriamente alegria, mas apenas calma e bem-estar. Demais, nesse periodo parece haver necessidade de provocal-o. A criança responde por um sorriso ao sorriso da mãe ou ás suas palavras suaves e carinhosas. E' preciso esperar ainda algumas semanas para que esse sorriso seja verdadeiramente espontaneo, que acolha, por exemplo, de manhã, a apparição dos semblantes amigos ou dos brinquedos habituaes. Depois, pelo setimo mez, o sorriso se desenvolve, torna-se mais franco, mais aberto, e enfim prepara o riso franco que se manifesta pelo oitavo mez. Já, desde o apparecimento do riso espontaneo, não ha mais verdadeira alegria, contentamento perfeito sem elle, e, nessa figura de criança, tudo ri ás impressões felizes, desde a boca até aos olhos, sem contar os gritos alegres e os movimentos de que já falámos.

Ao mesmo tempo, fóra dos gritos e das lagrimas, o rosto da criança sabe reflectir as impressões desagradaveis, pelas rugas da fronte, pela expressão do olhar e pelas commissuras bocaes.

Nesse periodo ella sabe perfeitamente afastar com o gesto os objectos que a desagradam e, pelo contrario, estender as mãos para as coisas desejadas. Mais tarde ella accrescentará

a esses movimentos o de denegação da cabeça em presença de objectos apresentados e que a não agradem. Seria um pouco obscuro querer discernir donde vem esse movimento de denegação que conservamos tão intenso na idade adulta. Mas, si considerarmos que esse é o gesto natural da cabeça para afastar a boca, por exemplo, dum prato que não agrada, é provavel que o movimento de denegação seja uma extensão desse gesto.

(*Continúa.*)



# LIÇÕES DE COISAS

## O FERRO FUNDIDO

*Professor.* — Vamos, hoje, continuar nosso estudo sobre o ferro.

*Alumno.* — Quando vimos as estampas dos altos fôrnos, o senhor falou em *ferro fundido* e *ferro forjado*. Qual é a differença?

*P.* — Vejamos primeiro o *ferro fundido*.

Quando o ferro sáe do forno, o *ferro bruto*, já é, mais ou menos, *fundido*.

*A.* — Porque foi derretido, não é?

*P.* — Justamente. As barras de ferro, depois de resfriadas, são de novo submettidas a uma segunda fusão.

*A.* — Em outro forno?

*P.* — Sim, mas desta vez num forno menor. Ahi o ferro purifica-se tornando-se mais fluido.

*A.* — Bem liquido, não é?

*P.* — Exactamente. E' então despejado em moldes ou fôrmas especiaes, donde já saem diversos objectos.

*A.* — Quando está liquido póde correr bem e encher todos os vãosinhos das fôrmas.

*P.* — Muito bem! E' isso mesmo.

*A.* — E que objectos se fazem com esse ferro fundido?

*P.* — Fogões, grelhas, grades, columnas etc., etc.

*A.* — E' forte esse ferro?

*P.* — Todo o ferro é forte. A qualidade que falta ao ferro fundido é a *malleabilidade*.

*A.* — (?)

*P.* — Quer dizer que o ferro fundido, não sendo *malleavel*, não póde sêr batido, quebra-se com facilidade.

*A.* — E' quebradiço.

*P.* — Não se póde forjal-o, martellal-o.

A. — Então, não é tão duro.

P. — No limar e forjar é mais duro que o *ferro puro*, porém resiste pouco aos choques.

A. — Então, o ferro fundido não é puro?

P. — Perfeitamente puro, não. Contém certa porção de carbono recebido na combustão que soffreu no alto forno.

A. — Emfim, o ferro fundido é ferro facil de se quebrar.

P. — Sim. E' preciso, pois, ao usal-o, tomar isso em consideração.

## O FERRO BATIDO

*Professor.* — Lembram-se da ultima lição a respeito do ferro fundido?

*Alumno.* — Eu me lembro, professor. Mas, ainda não acabámos a lição sobre o ferro?

P. — Falta o *ferro batido*.

A. — Essa qualidade de ferro é *malleavel*, já sei.

P. — Vejo que você prestou bem attenção á aula passada. O ferro batido é aquelle ao qual se retirou a maior parte do carvão que nelle se achava.

A. — E como o retiram?

P. — Já vae saber.

O ferro fundido é novamente aquecido e quando em massa molle é exposto ao sopro de grandes folles.

A. — Para que?

P. — O calor liquefaz o ferro e o ar queima o carbono que elle encerra.

Perdendo elle o carbono, fica uma substancia meio esponjosa.

A. — Uma especie de esponja vermelha.

P. — Essa substancia é então malhada e sempre exposta ao ar dos folles.

Quanto mais martellado, quando em brasa, mais dureza e tenacidade obtem o ferro.

- A. — Eu já vi o ferreiro aquecendo e malhando o ferro.
- P. — Quando se quer reduzir-o a barras ou laminas, é preciso fazel-o passar por *laminadores*.
- A. — Que são *laminadores*?
- P. — São cylindros de aço, que reduzem o ferro a laminas.
- A. — O ferro batido é o mais resistente e forte.
- A. — O mais util dos ferros.
- P. — Sim. Todas as variedades de ferro são uteis. E' preciso não esquecer o aço, que é o ferro refinado, e utilissimo. Havemos de estudal-o brevemente.
- A. — Quanta coisa não ha feita de ferro!
- P. — Muitissimas, e vocês vão me dar algumas.
- A. — Navios, ancoras, locomotivas.
- A. — Machinas de toda a especie.
- A. — Pontes.
- P. — Que mais?
- A. — Instrumentos diversos...
- A. — Não é sem razão que elle é chamado o rei dos metaes!
- P. — Muito bem. O que de certo vocês ignoram é que ha ferro em nosso sangue.
- A. — E' por isso que muitos medicamentos contêm ferro.
- P. — Sim, ás vezes temos necessidade de absorver essa substancia, para fortificar o sangue. Então, tomamos medicamentos que a contêm.

---

## A CERA

*Professor.* — Vamos tratar duma nova lição, mas antes quero saber, Antonio, qual foi a sua leitura de hoje.

*Alumno.* — Li, neste livro, que a carnaubeira tambem produz cera. Eu pensava que a cera era exclusivamente producto das abelhas.

P. — A cera mais conhecida é, com effeito, a cera das abelhas; é um producto animal, mas ha tambem *cera vegetal* e até *cera mineral*.

A. — E' por isso, de certo, que a gente diz *cera de abelha*.

P. — Justamente, para differença-la das outras ceras.

Comecemos pela cera animal. Vejam aqui este pedaço de cera.

A. — A mais conhecida.

P. — Para que fim as abelhas fabricam a sua cera? Será para favorecerem aos homens, que lhes roubam o mel?

A. — A cera serve-lhes de deposito para o mel.

P. — Muito bem. E nós para que a usamos?

A. — Para encerar soalhos.

A. — Os selleiros passam cera na linha, para costurar os couros.

A. — Ha velas e phosphoros feitos de cera.

A. — Mas, a maior parte das velas não é feita de cera!

P. — De que são feitas?

A. — De esparmacete.

P. — Pois o esparmacete é outra cera animal.

A. — Que animal produz o esparmacete?

P. — O homem retira o esparmacete da cabeça dos *cachalotes*.

A. — *Cachalotes*?

P. — Sim; são animaes marinhos, semelhantes á baleia.

A. — Que judiação! Melhor seria fazer todas as velas de cera de abelhas, sem sacrificar os pobres dos cachalotes!

A. — Professor, a cera quando retirada das colmeias não é branquinha assim, como essa que ahi está.

P. — Não é mesmo, e você já vae saber a razão. Para que a lavadeira estende a roupa na grama, ao sol?

A. — Para alvejal-a.

P. — A luz do sol tambem branqueia a cera. (Mostrando á classe uma vela de sebo e uma de parafina.) São eguaes estas duas velas?

A. — (Mostrando.) *Esta* é de sebo e *esta* é de cera.

P. — Como é que você sabe que essa não é de sebo?

A. — A côr é differente.

P. — Apalpando-as, que differença nota?

A. — A de cera é mais dura.

P. — Que cheiro tem a de cera?

A. — Não tem cheiro.

P. — Muitas velas chamadas de cera, não são de cera animal; são de cera mineral.

A. — Então, ha minas de cera?

P. — Essas velas são feitas de *parafina*, extrahida do petroleo.

A. — Ainda falta a *cera da carnaúba*.

P. — Você não se esqueceu da lição!... Sabe de que parte da carnaubeira se extráe a cera?

A. — Não sei, não, senhor.

P. — Das folhas novas. Emprega-se essa cera não só nos discos dos gramophones e nas fitas cinematographicas, como na fabricação de velas e phosphoros.

A. — Quanta coisa!

P. — Ainda não é só: a cera ainda é empregada pelos marceneiros, dentistas, sapateiros etc.

E' preciso, pois, que não faltem abelhas e cachalotes produzindo *cera animal*; jazidas de petroleo produzindo a *parafina* — *cera mineral*; e a carnaubeira produzindo *cera vegetal*.

Actualmente, é o Brasil um grande productor de cera vegetal.

---

## O LACRE

*Alumno.* — Outro dia, quando estudámos a cera, eu lembrei-me de perguntar-lhe si não é cera aquillo que vem sobre as rolhas dalgumas garrafas.

*Professor.* — Aquillo chama-se *lacre*!

A. — E o lacre não é cera?

P. — E' uma mistura de cera com resina, ou breu e tratada pelo alcool.

A. — Mas, por que será que as garrafas vêm lacradas? Que faz o lacre?

P. — Conserva as garrafas bem fechadas.

A. — Ah!... não deixa o ar penetrar nas garrafas...

*P.* — Justamente, e assim evita que o vinho, o licor e outras bebidas se estraguem. . . Onde mais já viu você empregado o lacre?

*A.* — Nas cartas registradas que trazem dinheiro.

*P.* — Sim, as cartas importantes e as que contêm valores também costumam sêr carimbadas sobre o lacre.

*A.* — Para usar o lacre é preciso aquecel-o, não é?

*P.* — Não só aquecel-o como derretel-o, para elle adherir bem aos objectos.

*A.* — Elle adhere bem, mas é fraco.

*P.* — Sim. Depois de arrefecido o lacre torna-se friavel, isto é, quebra-se facilmente.

*A.* — Todo o lacre não é vermelho, é?

*P.* — O lacre póde ter qualquer côr, conforme a tinta que se lhe junta.

*A.* — Nas garrafas, ás vezes, é verde.

*P.* — Póde-se-lhe dar a côr que se quizer, como já disse.

---

## A TINTA DE ESCREVER

*Alumno.* — Posso escrever a lição com o lapis?

*Professor.* — Porque?

*A.* — A tinta do meu tinteiro não está boa.

*P.* — Que tem ella?

*A.* — Borra toda a escrita.

*P.* — Isso de certo é porque o tinteiro não está limpo.

*A.* — E' mesmo. . . no fundo ha um deposito.

*P.* — A tinta exposta ao pó fica mesmo grossa, borrando com facilidade. Daqui ha pouco você irá pedir ao servente que lave o seu tinteiro e renove-lhe a tinta.

*A.* — Eu posso trocar a minha tinta também?

*P.* — Que aconteceu á sua?

*A.* — Está aguada. Parece que lhe puzeram agua.

P. — A tinta do Mario não presta; *borra, porque está grossa demais*; a sua também não presta, *porque está rala demais*.

A. — A minha está boa.

P. — Vejamos que qualidades precisa ter uma tinta para que seja considerada boa.

A. — E' preciso que não borre a escrita.

P. — E o que mais?

A. — Que não desbote com o tempo.

P. — Muito bem, é isso mesmo. A côr fixa é signal da boa tinta. E' por isso que preferimos escrever com tinta tudo quanto queremos guardar.

A. — A escrita dura mais tempo, não é professor?

P. — Exactamente... Continuemos a vêr o que mais é preciso para que uma tinta seja boa?

A. — A tinta que se espalha muito pelo papel não presta.

A. — Algumas parecem grudar nas pennas.

P. — Os característicos duma boa tinta podem se resumir em fixar-se ella bem no papel sem nelle penetrar demasiadamente.

A. — A tinta custa a sair dos objectos! —

A. — Especialmente dos tecidos, das fazendas.

A. — E da madeira também. E' preciso, ás vezes, usar até a plaina para tiral-a do soalho!

A. — Deve sêr feita dalguma coisa bem forte para sêr assim tão firme!

P. — Cada fabricante de tinta tem a sua formula.

A. — A sua receita, não é?

P. — Sim... O que todas as tintas contêm, em maior ou menor proporção, são extractos tanicos, quasi sempre *noz de galha*, um sal de ferro, agua e gomma arabica. Os extractos tanicos são substancias extrahidas do *tanino*, materia adstringente que se encontra na casca de certos vegetaes. Serve para tornar a tinta fixa.

A. — E noz de galha, professor?

P. — Chamam-se *galhas* umas excrescencias que apparecem

nalgumas arvores, especialmente nos carvalhos, devidas a picadas de certos insectos, certas moscas.

*A.* — E o que ha nessas galhas, que serve para a fabricação da tinta?

*P.* — São riquissimas em tanino... O pau-campeche, que é rico em tanino, tambem é muito usado no fabrico da tinta.

---

## O MARFIM

*Professor.* — Como vocês devem estar cansados de escrever, vamos palestrar um pouco. Então, divertiram-se muito hontem?

*Alumno.* — Eu fui ao circo "Alcibiades" e gostei bastante.

*A.* — Eu tambem já fui uma vez a um circo onde vi animaes interessantes.

*A.* — E' verdade!... Quantos animaes esquisitos a gente vê nalguns circos!

*A.* — Eu gostava muito de vêr os elephantes daquella companhia zoologica que aqui esteve ha pouco tempo. São grandes!...

*A.* — Mas são muito desageitados.

*A.* — São desageitados, mas não são ferozes, não é, professor?

*P.* — São até docéis e domesticam-se facilmente. Pena é que os homens os persigam e lhes dêem caça!

*A.* — Eu vi mesmo, numa fita, uma caçada aos elephantes. E os mansos, coitados, estavam ajudando a caçar os companheiros!

*A.* — Aqui não ha elephantes. Onde é que elles vivem?

*P.* — Em grandes bandos, na Asia e na Africa, onde tendem a desaparecer, devido á grande procura que têm.

*A.* — Para que os homens querem os elephantes?

*P.* — Às vezes, para montaria.

*A.* — Elles têm muita força.

*P.* — Tambem dão-lhes caça por ambição, para obterem o marfim.

A. — Ah!... é verdade... Eu já ouvi dizer que os dentes do elephante dão o marfim.

P. — Os elephantes têm nos maxillares superiores, dois grandes dentes de marfim chamados *defesas*. Vejam, naquelle quadro que ali está.

A. — São bem grandes. Sáem fóra da boca um bom pedaço.

P. — Algumas dessas *defesas* chegam a pesar centenas de kilos.

A. — Quanto marfim!

A. — O marfim é uma especie de osso, não é?

P. — Um osso especial, de tecido fino, unido e muito duro.

A. — E' só o elephante que fornece o marfim?

P. — Os dentes do hippopotamo, do bufalo e dalguns outros animaes, fornecem marfim, mas que não se compara com o fornecido pelas defesas do elephante.

Olhem aquelle quadro, onde se acham esses outros animaes de que acabo de falar.

A. — Esses animaes dão um marfim inferior.

A. — Para que querem os homens o marfim?

P. — A industria aproveita-o para o fabrico de objectos uteis e de luxo.

A. — As bólas de bilhar eu sei que são de marfim.

A. — Como são duras!

A. — Tambem as teclas dos pianos são de marfim.

P. — Eram de marfim. Hoje em dia fazem-se teclas duma substancia que imita o marfim.

A. — Mas não é igual.

P. — Tambem de marfim fazem-se cabos de facas, pentes e armações para escovas, estatuetas e objectos de arte etc.

A. — E' pena sacrificar um animal tão grande só por causa dos dentes!

P. — O marfim é muito caro, e o osso o substitúe em muitos casos.

A. — Bom seria si pudesse sêr extrahido das minas, com o ferro!

*P.* — Pois descobriram-se, na Siberia, verdadeiras *minas de marfim*.

*A.* — Como teriam ido os elephantes parar embaixo da terra?

*P.* — Do mesmo modo que as enormes florestas, que hoje constituem as minas de carvão.

*A.* — Então, essas *minas de marfim* são formadas pelas defesas das manadas de elephantes soterrados?

*P.* — Sim, mas são defesas muito maiores, duma especie de elephantes, que ha muito já desapareceu.

## A CAL

*Professor.* — (Mostrando aos alumnos a estampa duma casa.) Vejam que figura bonita!

*Alumno.* — E' mesmo... que linda casa! E é uma casa de campo, não é professor?

*P.* — Exactamente... Vocês sabem quaes são os materiaes que se empregam na construcção duma casa? Podem ir falando, cada um por sua vez.

*A.* — Tijolos.

*A.* — Madeiras.

*A.* — Pedras.

*A.* — Ferro.

*A.* — Tintas.

*A.* — Cal.

*P.* — Muito bem... Já sei que todos conhecem os materiaes empregados numa casa. (Mostrando aos alumnos um pouco de cal.) Isto é muito usado nas construcções. Conhecem?

*A.* — Isso é cal.

*P.* — Para que serve ella?

*A.* — Para preparar o reboco.

*P.* — Muito bem. E esse reboco como será feito?

*A.* — Esse reboco é uma mistura de areia, cal e agua.

*P.* — Você, Julio, é capaz de me dizer para que serve o reboco?

*A.* — Sou, sim, senhor. O reboco serve para ligar os tijolos das paredes e para rebocal-as.

*P.* — Vocês sabem onde se encontra a cal? Não?

*A.* — (?)

*P.* — Ouçam: a cal se encontra na terra, em certas montanhas, em blocos. Esta cal, que aqui está, foi moída.

Vocês não conhecem outras utilidades da cal?

*A.* — (?)

*P.* — Nunca viram o pintor pintando a frente duma casa?

*A.* — Ah!... A cal serve também para pintar as paredes das casas.

*P.* — Só isso que sabem da cal?

*A.* — (?)

*P.* — Nunca viram também o jardineiro caçando os troncos das plantas?

*A.* — É verdade!... mas eu não sei porque elle faz isso.

*P.* — Caiam-se as plantas, porque a cal é caustica, queima, destrói as lagartas e os parasitas que as estragam.

*A.* — Bem bom que eu saiba! Vou cair o tronco da minha laranjeira, que está com uma crosta de parasitas!

*P.* — Faz você muito bem. Verá a utilidade da cal... Agora, vou contar-lhes outras coisas a respeito da cal. Prestem muita atenção. Usa-se ainda a cal na preparação de pelles, no fabrico de velas estearinas, do vidro, dos papéis etc. Na medicina ella é empregada no tratamento de diversas molestias. É também usada para moldes, para reactivos etc.

A hygiene a emprega para consumir as carnes dos cadáveres e desinfecar os logares insalubres. Vejam vocês, para quanta coisa serve a cal, quão util ella é!



## AS POMADAS

*Professor.* — Que lhe aconteceu, Luiz? Que tem você no dedo?

*Alumno.* — Ah!... feri-me num espinho de roseira; o dedo ficou inflammado, e mamãe está curando-o com uma pomada.

*P.* — A proposito: vocês já ouviram falar em pomadas?

*A.* — Já, sim, senhor.

*P.* — Para que servem então as pomadas? Podem falar.

*A.* — Para curar feridas.

*A.* — Para passar nos cabellos.

*A.* — Para o rosto.

*A.* — Para as mãos.

*P.* — Sim, é bastante. Sabem que substancias são empregadas nas pomadas? Os que souberem, podem dizer.

*A.* — Gorduras.

*A.* — Oleo de amendoas.

*A.* — Azeite doce...

*P.* — Muito bem. Em geral, as pomadas são fabricadas com banha de porco purificada, medula de boi, sebo de carneiro, manteiga, oleos, azeite, vaselina e outras substancias gordurosas.

*A.* — E as pomadas só contêm gorduras, professor?

*P.* — Gostei da sua pergunta, Arnaldo! As pomadas contêm outras substancias, conforme o fim para o qual são destinadas. Assim, podem conter: camphora, sulphato de zinco, enxofre, mercurio, essencia de rosa, de violeta, de jasmim etc.

As pomadas só terão os empregos que já vimos?

*A.* — Não, senhor. Temos tambem pomadas para calçados, couros, machinismos etc.

*P.* — Muito bem! Apesar destas receberem o nome vulgar de *graxas*, não são mais do que pomadas, pois são fabricadas com corpos gordurosos e outras substancias varias, como as outras pomadas.

*P.* — E' bastante. A hora está terminada. Vamos passar para outra lição.



# QUESTÕES GERAES

## PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER. — "Biblioth. pedagogica," organizada por A. Barreto e J. Stott.)

### PALESTRA XIV

#### COMPOSIÇÃO

Procurei mostrar-vos, na palestra precedente, como poderão ser exercitadas as crianças para conseguirem escrever, no praso de tres annos, de modo legivel, correcto e rapido, a lingua ingleza; como um bom ensino e uma boa educação, paciente e cuidadosa, as levarão a falar com o lapis tão expressivamente como o fazem com a lingua; e finalmente, qual o mais apreciavel resultado que tal processo produzirá.

Devo agora accentuar que, no desenvolvimento da expressão, como no do pensamento, a educação é tudo.

E tanto é isto certo, que o verdadeiro professor se utiliza da expressão oral e escrita com o objectivo principal de saber ao justo o grau de pensamento do alumno, afim de poder levar-o a lutas mais difficeis e a maiores victorias.

Um dos grandes defeitos do nosso ensino actual é exercitar-se a expressão com desprezo do pensamento, isto é, cultivam-se de preferencia os poderes imitativos da criança e a sua memoria inconsciente, deixando-se definhar-lhe a força creadora, abafada sob uma massa de palavras para ella sem sentido!

Um ensino real, proficuo, visando o desenvolvimento da intelligencia, seria aquelle que aproveitasse as disciplinas todas do programma — geographia, historia, arithmetica etc., como lições de linguagem.

Assim, cada lição, que tal nome merecesse, deveria obedecer ao plano traçado para desenvolver pensamentos.

A prévia educação intellectual da criança dá-lhe o poder de exhibir, seja oralmente, seja por escrito, o grau a que attingiu a sua mentalidade.

Toda a edificação real de qualquer sciencia compõe-se de premissas, consequencias e conclusões logicas.

Cada um desses passos se origina da unidade do pensamento, de que cada lição é por sua vez uma parte constituinte.

Deduz-se, pois, que si o pensamento do alumno obedecer a uma educação, a um desenvolvimento logico, a sua expressão, escrita ou oral, será tambem logica.

Vê-se, por isto, que, para conseguir um optimo ensino de linguagem, não é mistér que o professor lance mão de outros meios differentes das proprias disciplinas do programma.

A geographia elementar, por exemplo, fornece abundantes assumptos para encantadoras descrições escritas, taes como valles, montes, planicies, praias, bahias, golfos, rios, fontes, todas as fórmulas, enfim, de terra e agua, que o alumno já teve ensejo de observar, e que poderão leval-o a imaginar outras muitas fórmulas que ainda não viu.

Assim, o grande e magnifico mundo que lhe é desconhecido, elle o imaginará através daquelle que já observou, servindo todas essas creações de sua imaginação para proveitosos exercicios escritos.

Mais um passo dado, e será agora a terra, nos éstos sublimes da vida, que lhe desvendará assumptos immensos e emocionantes para descrições: arvores, flôres, frutas, animaes, tudo, tudo lhe servirá para augmentar o poder de observação.

Depois, vem a historia, tão affim da geographia, a fornecer themas interessantissimos.

Depois, a Fé, a Esperança, a Caridade, e outros mil assumptos do inexgotavel mundo moral, para coroar a obra toda do sentimento.

Quanto ás composições historicas, poderá o professor utilizar-se de quadros ou estampas, mandando que os alumnos os descrevam, ou lhes contará resumidamente episodios interessantes, principalmente de historia patria.

A bibliotheca da escola deverá conter tambem muitas obras sobre historia, adaptadas á comprehensão da criança, e onde ella possa bem haurir factos que narrará, na hora da aula, aos seus collegas.

Isto que acabo de dizer-vos não é uma utopia, e sim a mais pura realidade, de que só descreverão aquelles que não depositam a necessaria fé na evolução do espirito humano.

Qualquer alumno, affirmo, poderá bem executar todo este trabalho e dum modo admiravel.

Aquelles professores, que negam á criança o extraordinario poder de imaginar e comprehender o bem, o verdadeiro, o bello, e enveredam para o piso da rotina, que transfórma o importante estudo da historia em um estúpido e arido decorar de paginas, datas e generalidades sem sentido, a esses comparo a infelizes que tivessem subido ao cume do monte Nebo, e de lá avistassem a terra promettida, sem poder, como Moysés, tambem attingil-a!

Relativamente á arithmetica, si fôr considerada como o estudo do numero das coisas, em vez do de méros algarismos, ella tornar-se-á um meio poderoso do desenvolvimento da logica, com todos os caracteristicos desta, já quanto á exactidão, já quanto á precisão.

Si a logica é exacta, precisa, as suas proposições, regras, definições, tambem deverão sê-lo, devendo a criança descobri-las e deduzil-as por si mesma, expondo-as depois em linguagem concisa e clara.

Deste modo, a arithmetica se tornará tambem um poderoso auxiliar no ensino da linguagem.

Já agora não podereis duvidar, depois do que acabo de dizer, que cada sciencia póde auxiliar materialmente a composição escrita.

Affirmam alguns professores que uma criança para bem conseguir lêr e escrever, necessita de despender semanas, mezes e annos na decoraçáo das columnas de palavras, inçertas num syllabario.

Desejaria, porém, que me garantissem tambem si ella por tal processo, seria capaz de escrever correctamente todas as pa-

lavras novas que aprende todos os dias na historia, na geographia, na arithmetica e nas sciencias naturaes...

Quantas palavras mais teria de aprender!

Ora, si não são capazes, que utilidade possuem os taes syllabarios?

No ponto a que chegámos, ainda se poderia fazer uma interrogação, a seguinte:

— E a grammatica, quando se deverá ensinar a grammatica?

Respondo-a: — depois dos factos necessarios para as generalizações metaphysicas, indispensaveis á compreensão da difficil sciencia da linguagem; isto é, quando o espirito já se ache preparado para se servir duma fôrma elevada de deducção logica.

Qual é, de facto, a utilidade da grammatica?

Primeiro, tornar o espirito mais apto para examinar as obras primas literarias, afim de poder comprehender, em toda a sua plenitude e integridade, o pensamento do respectivo autor.

Segundo, exprimir o pensamento proprio, oralmente ou por escrito, do modo mais claro, mais bello e mais preciso.

Visando este objectivo, é que eu vos aconselhei que nunca apresentasseis a vossos alumnos fôrmas ou expressões incorrectas, até que elles attingam a idade da reflexão.

A grammatica nunca ensinou ninguem a lêr e a escrever correctamente.

Isto só se consegue lendo, ouvindo, falando e escrevendo palavras e sentenças correctas.

O processo, pois, de escrever erradamente palavras e sentenças para que as corrijam os alumnos, é sob todos os pontos de vista condemnavel.

Muitos professores, que vão abandonando agora o methodo penoso de ensinar, no inicio do curso de linguagem, a analyse lexicologica e syntactica, comquanto amenisem as fôrmas antigas por outras mais simples, ainda assim continúam a errar, por isso que obrigam a criança a usar palavras cujo sentido não pôde comprehender.

Compare-se esse systema com aquelle que obriga a criança a só escrever pelo estímulo do pensamento, empregando sempre as fórmulas correctas das palavras e sentenças...

Poderá haver hesitação na escolha?

Não obstante, o actual ensino da grammatica é muito superior ao antigo, que consistia em separar um periodo, feito aliás para exprimir um bello pensamento, uma grandiosa imagem, e mutilal-o, cortando-o em pedacinhos, qualificados com uns termos incompreensíveis para a criança, enquanto o pensamento do autor era jogado ás urtigas, como uma coisa impresentavel e de pequenino valor!

O ensino da grammatica terá, sim, seu tempo como factor no desenvolvimento do espirito da criança. Será quando as ricas minas do pensamento e da emoção, de que constituem um maravilhoso thesouro as paginas da nossa literatura, puderem abrir-se á sua contemplação.

---

## CULTURA HUMANISTICA

Um bom livro e um grande mestre valem seculos de aperfeiçoamento; em saber-os escolher está o inicio da sabedoria toda. E foi esta idéa que presidiu o programma de humanidades, onde o estudo dos classicos absorvia a attenção dos jovens. Lendo-os, interpretando-os, recitando-os e, sobretudo, imitando-os, entregavam-se á gymnastica do espirito, em que se baseia a educação, conforme o conceito grego.

Nessa escola se formaram todos os grandes classicos das modernas literaturas, desde Vieira a Anatole France. E os literatos que essa formação não tiveram, por mais que pretendam supprimal-a, á força de leitura, sentirão sempre que lhes falseia o pé, e sentirão os leitores que ha nos seus escritos qualquer coisa que sôa a ôco.

A harmonia *sem buracos*, a harmonia massiça do pensamento e da fórmula, é o segredo da arte, onde o acabamento é tudo.

Arefórma philosophica iniciada por Bacon e Descartes acarretou para o classicismo um certo arrefecimento; e desde então, soffreu continuos embates do realismo, a escola positiva, que tem unicamente em mira fins utilitarios immediatos.

Mas a força da tradição e as reclamações dos homens de pensamento evitaram, em parte ao menos, que as linguas classicas, sobretudo o latim, fossem eliminadas dos programmas de ensino secundario. A formação classica tem-se conservado com todo o rigor nas universidades inglezas; debilitou-se um pouco na Allemanha, onde as humanidades soffreram a influencia da philologia. Mas é exactamente nos paizes de origem latina que a sua decadencia é mais accentuada!

Perguntará alguém: “E por que não podem os nossos autores classicos substituir os latinos, si destes aprenderam, e por elles se formaram?”

Os grandes classicos portuguezes, como Vieira, Bernardes, Camões, Frei Luiz de Sousa, e tantos outros, mal conhecidos do publico, são o melhor pabulo que a estudantes portuguezes possa ministrar-se. E vemos anthologias, aqui no Brasil, onde nem ao menos lhes citam os nomes!...

Mas não supprem, na formação do espirito, os classicos latinos, que, aliás, se presuppõem conhecidos, para a interpretação daquelles. Os nossos classicos estão tão proximos dos latinos, já pela fórma, já pela maneira de conceberem o assumpto, que se tornaria difficil a compreensão da quasi-copia, com as deficiencias inherentes a este genero de arte, sem que no original a fossemos estudar.

Accresce que a lingua portugueza, como outras novi-latina, é uma degenerescencia do latim classico; sua estrutura ha de necessariamente resentir-se desta origem plebeia, fundada na ignorancia do poderoso organismo do Lacio. E, na estrutura, vae a propria harmonia, o poder de synthese, a força de expressão e o hyperbaton.

Só conhecendo autores latinos, adquiriremos a consciencia artistica e expressiva da linguagem que serve aos nossos. E ninguem será um artista da palavra, um estylista, sem que todos os recursos da lingua lhe sejam conhecidos e familiares.

Os classicos latinos são para nós o complemento necessario dos classicos portuguezes, e, portanto, indispensaveis á boa formação.

A Rhetorica constituia como que a corôa do estudo de humanidades. Della, porém, se abusou tanto, que veiu a desmoralizar-se. Aliás, sua origem não a recommendava muito; nasceu das *perlendas* dos sophistas gregos, para depois renascer, viciada, com os *graeculi* que ensinaram aos romanos, *por dinheiro*. Contra ella se levantou Socrates, e Aristoteles assentou-a em bases scientificas. Mas os desmoralizadores da Rhetorica, surgiram, de seculo em seculo, até que foi eliminada do quadro do ensino.

E, não obstante, expurgando-a do verbalismo com que a expõem certos compendios, num aranzel de *figuras* que a tornam fastienta, e reduzindo-a ao verdadeiro methodo de Aristoteles, poderia sêr bem util, na formação intellectual. Basta dizer que, tendo por fim dispôr os argumentos em ordem e persuadir os ouvintes, é irmã legitima da Dialectica. Uma e outra visam a *demonstrar*: sómente que a Rhetorica attende mais á *força circumstantial* do argumento e á sua disposição, relativamente aos ouvintes; a Dialectica attende á força do argumento em si; uma funda-se em illações necessarias; outra, de ordinario, em illações provaveis. Ambas, porém, tendem a *collocar* as idéas, e, por conseguinte, á formação e disciplina da intelligencia.

O ponto está em que o seu fim não seja adulterado, nem complicado o ensinamento de suas regras. Investiguem-se estas, na leitura de bons oradores, notem-se, e applicuem-se, quando a proposito, com mais preocupações de dialectica do que de estilistica. E a Rhetorica será, desta maneira, um excellente exercicio de *inducção* e *deducção*, as duas asas do pensamento, para chegar aos dominios da verdade.

J. M. GOMES RIBEIRO.



## UM APPELLO

A escola paulista vem realizando, desde os albores da Republica, uma tarefa ingente, que só os vindouros hão de apreciar devidamente: — a nacionalização dessa massa assás consideravel de immigrants, vindos dos quatro pontos cardeaes, com linguas, usos e costumes tão diversos.

Que seria de nós si não estivessemos aparelhados para a luta tenaz em pról da nossa nacionalidade, ante essa invasão de gente cuja cultura não pede méssas á nossa?

E que tem sido proficua a acção dos professores paulistas, dil-o eloquentemente o facto, facil de se constatar: os immigrants aqui chegados em idade escolar e os filhos de estrangeiros aqui nascidos, em breve se tornam brasileiros de facto, integralizando-se na communhão nacional. Ahi estão elles, em todas as profissões, das mais humildes ás mais elevadas, mesmo na hierarchia administrativa, e sem desaire algum, sem que se lhes possa acoimar de pouco patriotas.

Quero aqui deixar um exemplo da sua acção prompta, efficaz. Ha annos um senhor, japonez, recém-chegado dos Estados Unidos, appareceu no grupo-escolar onde ha doze annos trabalho, acompanhado dum menino de sete a oito annos. Ambos, pae e filho, este nascido em Chicago, não articulavam um só vocabulo da nossa lingua; apenas falavam o japonez e o inglez. Matriculado o menor no 1.º anno, tres annos depois chegou á minha classe (4.º anno) onde foi um dos primeiros alumnos, falando e escrevendo o portuguez tão bem como os seus melhores condiscipulos, como tive ensejo de mostrar ao Sr. Galaôr de Campos, apresentando-lhe trabalhos de lingua-gem feitos na occasião em que esse inspector visitava a classe. E acredito ter-se tornado o jovem yankee-japonez um bom brasileiro.

Mas, constatando o facto e rendendo minhas homenagens principalmente ás senhoras professoras do grupo, quero dar um brado de alarma e fazer um sincero appello para que se intensifique esse batalhar, defendendo-se com denodo todo o valioso patrimonio que faz o apanagio da nossa nacionalidade.

As nações ás quaes faltam fortes vinculos, correm perigos mui sérios — e a historia ahí está para nol-os patentear.

Ultimamente, depois da terrivel conflagração que ensanguentou o mundo, trazendo após si um verdadeiro sopro de insanía, novas levas de povos estranhos têm aqui aportado, e o problema de nacionalização se nos apresenta de novo, como a Esphinge da lenda, premente, a pedir prompta solução.

Confrange-nos a alma o linguajar babelico que por ahí se ouve — dialecto confuso, barbaro, formado de innumeras linguas, a desafiar a paciencia dalgum estudioso da glotica. E como é horrivel, em classe, lêr ou ouvir phrases como estas:

O Largo da Sé está o centro da cidade.

O remedio *deixa* curar o doente.

Eu fui *na* cidade.

Elle foi *no* medico.

O jornal *leva* a noticia do desastre.

Amanhã eu *levo* aqui.

Hoje o João *se deixa* casar.

Eu já *subo lá para cima*.

Eu *aparei* para descansar.

O passarinho *comeu* o gato.

Pedro *entrou para dentro*.

Eu *mangei* bem hoje.

E... não sei onde iria parar, si quizesse continuar com esse ról de attentados á nossa lingua, bella, rica, sonóra, commettidos por filhos de estrangeiros e, o que é peór, pelos proprios brasileiros, que ouvem taes algaravias e depois as reproduzem inconscientemente. Si tenho ouvido brasileiros dizer *hungarezes*, tratando-se dos filhos da bella Hungria, retalhada pelos vencedores rapaces!

Mesmo nas escolas superiores ha lentes que se queixam de que muitas próvas não são escritas... em portuguez e, pondo de parte por um momento a materia de sua cathedra, tambem se batem, como bons paladinos, pelo vernaculo, como o faz, *verbi-gratia*, o mui illustrado, o encyclopedico Sr. Dr. Guilherme Bastos Milward, na Faculdade de Medicina.

Embóra sem nenhuma autoridade, lanço um appello a todos os bons paulistas e principalmente aos meus collegas de magisterio, para que sem treguas, com afinco, defendam as nossas tradições, os nossos usos e costumes, cuidando com carinho do ensino da geographia e da historia patria e cultuando a nossa lingua, a lingua de Vieira, de Machado de Assis, de Ruy Barbosa, de Gonçalves Dias, de Bilac.

Adoptemos a divisa do immortal Rio Branco — *Ubique Patriæ memor.*

ERNESTINO LOPES.

---

## EDUCAÇÃO CIVICA

### IDÉA DE BANDEIRA

Exerci, durante alguns annos, o cargo de delegado tecnico dos escoteiros, em diversos districtos da Capital, e no desempenho de minhas funcções, muitas vezes percorri as ruas desta grande cidade ao lado dos jovens escoteiros. No meio delles vinha quasi sempre desfraldado ao vento, o nosso pavilhão.

Nessas excursões experimentei diversas vezes uma immensa magua, por presenciar a falta de instrucção civica do nosso povo. Ouve-se o clarim; rufa o tambor; o povo agglomera-se. Que ha? Passam os escoteiros; marcham os soldados do futuro. No centro, vae a bandeira, a imagem da Patria, o Brasil representado naquelle panno de côres tão differentes, mas que se casam tão bem, na apotheose dum symbolo. Passam os escoteiros. Passa a imagem sagrada da terra brasileira, e o povo permanece indifferente e desrespeitoso. Para a maioria dos curiosos, a bandeira do Brasil é um trapo, mas não aquelle "trapo sagrado," tão decantado pelo nosso immortal Bilac. O estandarte "augusto e soberano" passa, mas os chapéos ficam irreverentes naquellas cabeças em cujos cerebros parece que nunca se reflectiu a imagem da Patria, a idéa da bandeira!

E dizer-se que esse doloroso espectáculo se passa num centro de civilização! Que se passará, então, pelo resto deste colossal Brasil?

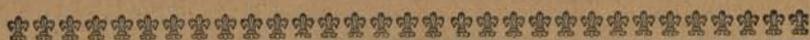
Urge que se eduque o povo. Como fazel-o, porém?

Eduquemos as crianças nas escolas e recommendemo-lhes que transmitam a seus paes, parentes e amigos os conhecimentos adquiridos.

E' muito facil dar á criança uma idéa perfeita de bandeira. Peça o professor a um alumno que lhe traga a photographia de sua boa mãezinha. Procure despertar na alma do pequeno o santo e puro amor que se deve consagrar áquella doce imagem. Figure á criança a triste hypothese de sêr o retrato de sua adorada mãe desrespeitado por um individuo qualquer, e mostre ao alumno como deveria agir, si tão doloroso e ultrajante factó se realizasse. Em seguida, substitúa o retrato pela bandeira, e a palavra mãe, pelo vocabulo Patria. Tendo já a criança uma idéa de Patria, pelas aulas anteriores, facil será ao professor conseguir que ella compreenda o grande amor e a extrema veneração que deve dedicar á bandeira — imagem palpitante da Patria. Após isso, o professor tratará de descrevel-a em todos os seus detalhes.

Para finalizar a aula, lerá á classe os innumerados e bellissimos feitos heroicos relativos á bandeira que, para nossa honra, illustram as paginas da Historia do Brasil.





## LITERATURA INFANTIL

### A LIÇÃO DOS CAMPOS

O velho Samuel, já mui doente e alquebrado pelos annos, sentindo-se perto da morte, chamou os seus tres filhos — Antonio, João e José — e lhes disse:

— Meus filhos, sinto que pouco me resta neste mundo. Enquanto tive saúde e força trabalhei os campos, e a terra, mãe benigna e dadivosa, deu-nos o bastante para viver, embora pobres. Fostes sempre ociosos e confiastes demais no meu esforço e na minha bondade. Assim crescestes sem perceberdes ao menos, que um dia eu haveria de faltar... Está proximo o fim, sei que morrerei logo e que vendereis esta roça e acabando o dinheiro, tornar-vos-eis homens irremediavelmente perdidos, sem habilitação alguma e sem meios honestos para viver. Prevendo isto, fiz as maiores economias, as quaes fui guardando em cofres de ferro que jazem, de algum tempo, enterrados por esses campos afóra. Como estou muito velho, a memoria não me ajuda a lembrar, precisamente, os logares onde se acham enterrados os cofres. Procurae-os, porém, que achareis. Estão pelo campo... na terra...

Pouco tempo depois o bom do velho Samuel partiu desta para a melhor vida do Senhor e, desde o dia immediato, os tres moços trataram de revolver a terra, daqui e dali, na ambição de encontrar os thesouros occultos.

Assim foram passando dias, semanas, mezes e mezes, e nada de apparecerem os encantados cofres do velho Samuel. Os moços não cansavam de revolver a terra, na esperanza de, de uma hora para outra, encontrarem a desejada herança.

Mal despontava a aurora, era vêl-os, de enxada ao hombro, rumo ao campo, para só voltarem ao pouso, noite já escura.

Enquanto proseguiam trabalhando, as arvores floresciaam e os frutos douravam as copas; os cafeseiros pintalgavam-se de granulos vermelhos, as hortas viçavam e rendiam. Percobendo

os tres jovens quanto dava a terra depois do arnanho, foram tomando gosto ao trabalho e abençoando-lhe a fecundidade e os resultados felizes das colheitas. Trataram logo da sua defesa e protecção e continuaram no trabalho da terra, revolvendo-a, plantando e enchendo cada vez mais os celleiros.

Só então é que perceberam o artificio feliz do velho Samuel. Compreenderam, contentes, que não havia thesouros enterrados e que o Pae Samuel quiz, apenas, estimulando-os ao trabalho, significar-lhes que o verdadeiro thesouro estava ali e era a terra, que bastava cultivar-a para que ella produzisse; que é da terra que nos vêm o pão e o vinho, o leite e o mel, a paz e a fartura.

Foi essa a melhor herança que o bom pae deixou aos seus filhos, que, dahi por deante, foram muito felizes e souberam honrar a memoria daquelle que lhes transmittira tão bella herança — *a lição dos campos*.

---

## PAIZAGEM

O vargado era terminado por uma estreita orla, por baixo de cujas moitas despidas um corrego escondia seu curso sereno e preguiçoso.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargado, e ia atravessar o capão e o corrego por uma pontezinha de madeira, fechada do outro lado por uma tranqueira de varas.

Junto á ponte, de um lado e do outro do caminho, viam-se duas bellas e corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma linda arcada de verdura, que dava entrada, para além da ponte, a um extenso rincão, coberto de succulenta e vistosa pastagem.

Lá no fundo do vallado, onde ia morrer o rincão, entre duas linhas de *espigões*, desenhavam-se, ao longe, em fundo luminoso e pittoresco, as casas, os curraes e os tufados pomares duma linda fazenda.

BERNARDO GUIMARÃES.

---

## INNOCENCIA

Criança ingenua, o dia inteiro,  
Com os meus caniços de taquara,  
Ficava eu, ao sol de então,  
Junto dos tanques, no terreiro,  
Soprando a espuma leve e clara,  
Fazendo bolhas de sabão.

Corando a roupa, entre cantigas,  
As lavadeiras, que passavam,  
Interrompiam a canção...  
Riam-se as pobres raparigas,  
Vendo as imagens que brilhavam,  
Nas minhas bolhas de sabão.

Cresci, soffri. Sonhando vivo.  
E, homem e artista, ainda agora,  
Me apraz aquella distracção...  
E fico, ás vezes, pensativo,  
Fazendo versos, como outróra  
Fazia bolhas de sabão.

E velho, um dia, de repente,  
Sem ter, de facto, sido nada,  
Pois tudo é apenas illusão,  
Ha de extinguir-se a alma innocente  
Que em mim fulgura, evaporada  
Como uma bolha de sabão...

MARTINS FONTES.



## O CAMINHO DA VERDADE

Havia um lenhador que vivia miseravelmente com o escasso ganho obtido da venda dum cargueiro de lenha diario, que era quanto elle podia obter num monte vizinho.

Uma vez, um ancião que passava por ali, vendo-o no rude mistér, aconselhou-o que fôsse mais para o interior do bosque, dizendo-lhe: "Adeante, meu filho! adeante!"

O lenhador obedeceu á indicação, e, caminhando para dentro da matta, encontrou uma preciosa arvore de sandalo. Della tirou quanta madeira podia levar consigo, e com a carga obteve muito dinheiro no mercado.

Começou então a reflectir que o bom velhinho que o havia aconselhado, não dissera nada da arvore preciosa; havia dito apenas que seguisse para a frente.

No dia seguinte, pois, como resolvesse ir mais adeante ainda, pôde encontrar uma mina de cobre. No outro dia, sem se deter na mina, seguiu além, e foi dar numa mina de prata. E assim, dia a dia, indo para a frente, sem vacillações nem temores, pôde tornar-se rico em muito pouco tempo.

Esta historia se applica aos homens que pretendem obter o verdadeiro conhecimento do mundo e da vida. Si não se detêm deante das primeiras maravilhas da sciencia e si não recuam, chegam a sêr um dia realmente ricos nos dominios do conhecimento eterno da Verdade.

---

## O MILAGRE DOS LIVROS

Não estão os livros realizando milagres, nem mais nem menos que os *runos*, segundo nos conta a legenda. Elles persuadem os homens. A mais insignificante novella, dessas que nas mais remotas aldeias entretêm a ociosidade das raparigas simples, contribúe para desenvolver o uso actual em tudo quanto diz respeito aos costumes de ordem interior de economia domestica dessas mesmas raparigas.

Si pensarmos bem, tudo que uma universidade e o final conjunto de todas as escolas superiores podem fazer por nós, reduz-se, pouco mais ou menos, ao que fez a primeira escola que houve no mundo: ensinar-nos a lêr. Nós aprendemos a lêr em varias linguas, em varias sciencias; aprendemos o alphabeto e letras de toda a especie de livros. Mas, o logar onde pudemos obter a sciencia, toda a sciencia, não é outra coisa sinão os mesmos livros. Depende a nossa theorica sciencia do que lemos, depois de quanto têm feito por nós excellentes professores. A verdadeira universidade em nossos dias é uma boa colleccão de livros.

THOMAS CARLYLE.

---

## CARAVELAS

Caravelas á flôr de largos, altos mares,  
Além se vão, vencendo as vagas, uma a uma,  
Deixando em pós um sulco aureolado de espuma,  
Que doura a dubia luz dos bruxoleantes luares.

Irrequietas se vão, a navegar, aos pares,  
Guiando-se pela nau maior, que á frente ruma,  
Parecendo seguir uma visão de bruma,  
No ambito illimitado entre o Oceano e os ares.

Companheiras do Mar, esguias caravelas,  
Na sua longa rota, a palpitar de rastros,  
Vão ruflando, a gemer, as enfunadas velas.

Riscando o fundo Céu com as lanças dos mastros  
Vencem do Oceano immenso as rispidas procellas,  
Nimbadas de luar e coroadas de astros!

CESAR GODOY.

---

## O TECER DOS FIOS

— Que estará fazendo a nossa vizinha, ali, junto daquella roda? perguntava uma criança a sua mãe.

— Está tecendo, meu filho. Antigamente todo o tecido era assim fabricado.

Mais tarde inventaram-se machinas apropriadas, diminuindo assim o trabalho aos tecelões.

— Eu gostaria bem de sêr tecelão!

— Todos nós o somos.

— Como assim, mamãe?!

— Os dias, meu filho, são os fios com que tecemos a vida.

Algumas creaturas são operarias cuidadosas e procuram bem desempenhar sua missão; outras embaraçam os fios da vida sem nada conseguir.

— Mas, que especie de tecido fabricamos?

— A qualidade depende dos fios que usamos, do emprego dos dias que estamos vivendo. Sorrisos, palavras amaveis, actos bondosos, paciencia, trabalho, sinceridade, pureza, são alguns dos fios que todos devemos empregar para formar o tecido da nossa vida.

---

## O GATO E O RATINHO

(FABULA)

Um ratinho presumido, desobedecendo aos conselhos de sua velha mãe, sahiu a correr mundo.

Após dias de longas caminhadas por terras até então diferentes daquellas que conhecera, encontrou-se casualmente com seu velho tio *D. Ratão*, que vendo-o só, lhe perguntou:

— Que fazes por estas paragens?

— Vou correr mundo e conhecer terras, retrucou o sobrinho.

— Mas, sobrinho de minha alma, pensa bem o que vaes fazer: és novo ainda, nada conheces do mundo, os seus abismos, as suas trahições, as suas miserias...

Muita vez onde pensas encontrar descanso para o espirito e repouso ao corpo fatigado, ahí encontrarás a dôr, o soffrimento. Ouve a voz da experiencia!

— Não!... Quero vêr estranhas terras, replicou o ratinho, conhecer outros póvos, respirar novos ares...

— Attende, meu caro sobrinho! Em tua terra conheces, palmo a palmo, onde vivem teus inimigos, mas em estrangeiras plagas, o que será de ti?

— Não! O ambiente do meu torrão natal e a monotonia do meu viver já me pesam na alma!

Isto dito, abalou, sem mais querer ouvir os conselhos do experiente *D. Ratão*.

Caminhou dias e dias, até que, extenuado, se deitou junto ao tronco duma carcomida arvore.

De repente, como emergindo da profundidade da terra, apparece ante os olhos espavoridos do pequeno roedor, um faminto gato do matto.

Este assim lhe falou: “O” ratinho querido, não procures safar-te; ouve primeiro a minha voz amiga e prudente. Aqui nestas regiões hospitaleiras não ha esse odio antigo de gato contra rato. Os nossos dominios são de paz. Vem, pois, a meus braços.

O ratinho, ingenuo como era, pensou que o gato fôsse de facto sincero e leal.

E tão certo estava disso, que, dando um suspiro de allivio e de gozo, se approximou do gato para o abraçar.

Foi o tempo bastante para que o felino o agarrasse e o devorasse.

ANTONIETA PANTOJA DE MORAES.



## Á CÓPA DUMA ARVORE

Hoje cedinho, curiosa,  
Sob uma arvore parei.  
E á sua sombra preciosa  
Quanta coisa observei!

De galho em galho, contentes,  
Saltitavam passarinhos  
Que debicavam sementes  
P'ra alimentar seus filhinhos.

Abelhas e borboletas  
Em tão formoso docel,  
Sugavam, irrequietas,  
Das flôres o doce mel.

Fileiras de formiguinhas,  
Num vae e vem incessante,  
Carregavam bandeirinhas  
De folhagem verdejante.

Incutiu-me aquella scena  
Do trabalho idéa viva.  
Dos insectos tive pena!  
Dali sahi pensativa,

Dizendo, na despedida:  
Não perdi meu tempo em vão.  
A' tua sombra querida,  
Tive esplendida lição!

DULCE CARNEIRO.



## “ACCENDER UMA VELA A DEUS E OUTRA AO DIABO”

(FABULA)

— Que phrase esquisita, papae! Não a compreendo, exclamou a pequena Juracy, fechando o livro de histórias, que a mãe lhe déra no dia de seus annos. E fitava o pae, com seus olhinhos pretos, muito vivos, muito expressivos.

— Ouve, então, filhinha; eu te vou explicar:— Travou-se uma vez uma encarniçada guerra entre as aves e os quadrupedes, para saber quem valia mais. O morcego, a principio, não quiz declarar-se por nenhum partido. Mas, no decorrer da luta, pareceu-lhe que os quadrupedes sahiriam vencedores. Apresentou-se então, sem demora, entre elles, exclamando:

“Quem tem dentes, como eu tenho,  
Jámais ave póde sêr;  
E muito me nobilita  
Á vossa classe pertencer.”

E assim, começou elle a guerrear as aves.

Aconteceu, porém, que a victoria começou a sorrir a estas.

Então, o interesseiro e hypocrita desertou immediatamente do meio dos quadrupedes e, trahindo-os, voou, célere, ao acampamento das aves. E a estas, mui assustadas, acalmou com este cantar:

“Sou ave; ninguem contesta:  
Asas tenho com que vôo;  
Alistadinho entre as aves,  
Com razão, portanto, estou.”

Nelle, porém, as aves não quizeram confiar. Tinham-n-o visto entre os quadrupedes, e depois entre ellas, quando a sorte lhes parecia ir sêr favoravel; julgaram-n-o capaz de volver novamente ao campo inimigo, si se desse o contrario.

Por isso votaram-lhe merecido desprezo, e enxotaram-n-o, pois não era digno de consideração quem “*accendia uma vela a Deus e outra ao diabo.*”

— Compreendeste agora todo o sentido da esquisita sentença, minha filha?

— Sim, papae... E ha no mundo muita gente parecida com o morcego, não é verdade?

— Sim, muita, filhinha. Foge dessa gente, "*como o demónio da cruz*," e não queiras nunca parecer-te nem com ella, nem com o covarde e falso morcego.

---

## NA ESCOLA

(I.º ANNO)

Estou contente, é verdade,  
E confesso, com prazer,  
Que, sendo de pouca idade,  
Já sei lêr bem e escrever.

Em contas sou muito experta,  
Nellas ninguem me derrota;  
Faço qualquer, sempre certa,  
Para ganhar boa nota.

Nos cadernos tenho asseio,  
E traço letra bonita,  
Para a mestra, sem receio,  
Mostrar a quem nos visita.

Meus trabalhos manuaes,  
Que servem bem de modelo,  
Têm riscos lindos de mais,  
Bordados com grande zelo.

E mais coisas de valia  
Trago dentro da cachola,  
Que estava muito vasia,  
Quando eu entrei nesta escola.

ODON CAVALCANTI.

---



# METHODOLOGIA

## PROCESSO EDUCATIVO

### OBJECTIVO ENCONTRADO NA NATUREZA DA VIDA

A VIDA COMO UM PROCESSO EXTERIOR

(A. TOMPKINS. — Trad.)

(Continuação)

A vida considerada como uma luta interior e consciente para a realização de possibilidades, é impossível sem um processo exterior correlativo. O processo subjectivo é acompanhado de processo objectivo. O homem não pôde encontrar sua vida dentro de si mesmo. Esta se encontra sómente no contacto do pensamento e do espirito do mundo objectivo com o sêr. O individual precisa communicar-se com o universal.

Ha um processo vital interior no carvalho, pelo qual elle se desenvolve; mas este processo interior não seria possível, si não existisse o processo exterior pelo qual a arvore se communica e absorve a substancia da qual é formada. Os processos interiores da vida dum passaro são mantidos satisfazendo actividades exteriores. Seu caminhar, correr, voar, procurar alimento etc., satisfazem ás necessidades interiores. Todos os processos vitaes interiores são, desta maneira, sustentados por actividades adaptadas a fins exteriores. Assim, a vida physica tem um processo interior e um outro exterior, organicamente relacionados, um tornando o outro possível.

O processo interior torna-se mais complexo e activo subindo ás fórmias mais elevadas da vida physica, e o processo exterior torna-se proporcionalmente mais complexo e activo. O processo interior da vida no carvalho é muito simples compa-

rado com o do passaro; e da mesma fórma simples é o processo exterior num, quando comparado com o do outro. O carvalho está fixo a um só logar, e póde apoderar-se apenas daquillo que chegar á sua superficie. Elle passivamente espera pela correnteza do ar e pela humidade para t er nutrição. Mas o passaro activamente vale-se de grande extensão de territorio para manter as necessidades da sua vida interior. A larga e diversa actividade neste caso   devida   mais alta e mais complicada actividade interior. A escala ascendente de vida physica   determinada pelo continuo alargamento do circulo de actividade exterior. O leão p de valer-se de vasto territorio para seu conforto physico e suas precisões, ao passo que a esponja   limitada   area do seu proprio corpo. Este facto determina o grau de vida do leão, superior ao da esponja.

Do mesmo modo notamos a superioridade do homem, considerado como animal. Ainda que o homem primitivo fôsse tão limitado em sua liberdade physica como o animal, pelo progresso da civiliza o elle tem posto todo o globo em contribui o para o seu conforto e felicidade individual. Aos elementos que outrora o escravizavam, agora elle manda que o sirv m. O homem p de habitar qualquer parte do mundo, modificando o calor do verão e os rigores do inverno, por accommoda o de vestuario e de abrigo. P de "tornar o Canadá tão quente como o Calcutá." Todas as partes do mundo são obrigadas a mantel-o e a vestil-o. O oceano que por milhares de annos o aprisionou,   agora forçado a servir-o. Elle corta os continentes com trilhos de ferro e reduz a distancia e o tempo. O relampago que o ameaça, elle doma e envia, mundo a fóra, em missão de confiança. Ordena  s mais remotas partes do mundo que lhe sirv m, e   obedecido. Quando o animal ou o selvagem deseja alguma coisa para o seu bem estar physico, precisa ir em pessoa apoderar-se desse objecto, mas o homem civilizado, com toda commodidade physica, junto   sua lareira pede as multiplas ben ams da terra, e norte, sul, leste e oeste, e terras de além mar despejam seus confortos aos seus p s. A vida physica exterior do homem   infinitamente mais variada, mais complicada e extensa do que a dos animaes inferiores. Elle poss e, sem

comparação, o mais alto grau de liberdade physica. Auxiliado pelo pensamento, elle multiplica seu poder physico natural, para sobrepujar a pressão do meio material em que vive, arrebatando-o para seu serviço. Seu poder de locomoção tem-se augmentado vinte vezes, e toda fadiga é removida. Pela invenção e applicação das multiplas fórmulas da alavanca, a força do braço, na luta com as forças da natureza, augmentou-se admiravelmente, em poder e variedade de applicações. A extensão de alcance da voz está naturalmente limitada a alguns passos; por meio do telegrapho e do telephone, o homem communica-se com o mundo civilizado. O microscopio e o telescopio vieram em auxilio da visão limitada, trazendo á luz os milagres dos mundos occultos. As maravilhas effectuadas por machinismos que economizam trabalho, assegurando ao homem os requisitos mais necessarios á vida — alimento, roupa e tecto — bastam apenas sêr mencionadas.

Tudo isto constitúe a civilização; pelo que entende-se o grau da liberdade physica que o homem conseguiu por meio de suas artes, de suas invenções, de suas industrias.



\*\*\*\*\*

# EDUCAÇÃO PHYSICA

## JÓGOS ESCOLARES

### BÓLA AOS CANTOS

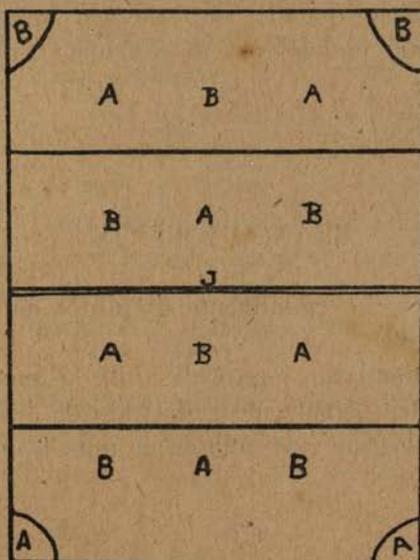
O espaço disponível no recreio é dividido em 4 partes eguaes no sentido do comprimento. Nos 4 angulos exteriores marcam-se os *cantos*.

O numero de jogadores é de 16 ou 20. No diagramma consideramos 16.

Cada partido colloca um *canto* em cada um dos *angulos*. Em linhas, alternadamente, ficam 3 *deanteiros* e 3 *médios* de cada partido.

O juiz jogará a bóla ao ar, e os *centros-médios* A e B procurarão pegal-a e jogal-a a um dos *centros* do seu partido, do outro lado da linha mediana. Este, por sua vez, passal-a-á a *qualquer* outro companheiro de *team*, procurando fazel-a cair directa ou indirectamente nas mãos dum dos *cantos* do seu partido.

Os jogadores do *team* inimigo procurarão impedir que a bóla vá cair ás mãos desse *canto*.



Cada vez que um *canto* pegar uma bóla, marcará um ponto para o seu partido.

Os *cantos* conservar-se-ão nas suas posições; os outros jogadores, nos limites das linhas marcadas, não podendo entrar nos *cantos*.

Toda a bóla cahida ao chão é *morta*, e deve sêr novamente lançada ao ar pelo juiz, que deverá fazer o mesmo depois de cada ponto conseguido por um dos partidos.

Vencerá o partido que no fim dum determinado tempo tiver mais pontos, ou aquelle que primeiro fizer um certo numero de pontos, conforme se convencionar.

Duas bólas poderão sêr usadas, tornando o jogo mais activo.



### QUATRO CANTOS

Os jogadores distribúem-se em varios pontos, como no jogo — *Dá-me um fouguinho* — ficando um no meio com a bóla.

Trocam de logares, quando se lhes offerecer oportunidade. O do meio observa as mudanças e experimenta jogar a bóla contra alguem, quando fóra do seu logar. Aquelle em quem a bóla tocar, quando fóra do seu logar, irá para o centro continuar o jogo.



### BRANCO E PRETO

Os jogadores são igualmente divididos em dois partidos: o *branco* e o *preto*.

A area destinada ao jogo é dividida ao meio. Os partidos alinham-se, frente a frente, de cada lado da linha.

Cada partido tem seu *piques*, a uns 4 ou 5 metros da linha divisoria.

O professor, ou um dos alumnos, junto á linha, joga ao ar uma rodela de metal ou de papelão pesado, que tenha uma face *branca* e outra *preta*.

Quando ao cair ao chão a rodela, a parte *preta* ficar visivel, os *pretos* devem correr em demanda do seu *piques*. Os *brancos* são os pegadores e perseguem os *pretos*, procurando pegal-os. Si acontecer o lado branco da rodela ficar para cima, os *brancos* devem correr, perseguidos pelos *pretos*.

Qualquer jogador preso antes de chegar ao seu *piques*, passa a fazer parte do outro partido.

Alinham-se novamente os partidos e recomeça o jogo.

Vence o partido que prender a maior parte dos jogadores inimigos, ou todos estes.

\*  
\*\*

## SOLTAR POMBOS

Este jogo é immensamente apreciado pelas crianças, especialmente pelas menores, porque muitas podem tomar parte e a acção de cada uma é egualmente importante.

Os jogadores, aos grupos de *tres*, espalham-se pelo campo ou recreio. Uma criança de cada grupo representa o *pombo*; uma, o *gavião* e outra, o *dono*.

O *dono* segura pelas mãos seu *pombo* e um *gavião*. Quando quizer, com um movimento de quem solta um passaro no ar, larga a mão que prende o *pombo*. Este sáe correndo, braços abertos, imitando asas em movimento. Quando o *dono* achar que o *pombo* leva sufficiente deanteira, solta o *gavião*. Este procura pegar o *pombo*, mas precisa percorrer, de braços também extendidos, exactamente o mesmo caminho percorrido pelo *pombo*.

Desde que o *dono* julgue conveniente, bate palmas, chamando pelo seu *pombo*. Póde dar este signal quando vir que o *pombo* está cansado ou em perigo. O *pombo* não poderá vol-

tar sem que o signal seja dado, e quando preso, passará a sêr *dono*; o *dono*, a sêr *gavião*; e o *gavião*, a sêr *pombo*, revezando-se assim as posições.

\*  
\*\*

## GAIOLAS E NINHOS

Dois *cantos* são marcados como *ninhos*, e dois oppostos, como *gaiolas*. Havendo bastante espaço, poderá existir uma *floresta*, onde os *passaros* esperarão juntos. Essa *floresta* deverá ficar longe dos *ninhos*.

Um *passaro-mãe* conservar-se-á em cada *ninho*. Dois ou mais *caçadores* ficam a certa distancia dos *ninhos*. Os outros alumnos são *passaros*, formando differentes grupos, recebendo nomes diversos.

Quando o professor chamar o nome dum desses grupos, *tico-ticos*, por exemplo, todos os que forem *tico-ticos*, devem voar em direcção aos *ninhos*. Os *caçadores* procurarão pegar tantos *passaros*, quantos puderem e collocal-os nas *gaiolas*.

O *passaro* que conseguir chegar ao *ninho*, estará salvo.

\*  
\*\*

## BÓLA AO ALVO

Um jogador — o *alvo*, fica a uns 3 ou 5 metros, de costas voltadas para os outros que se acham alinhados. O *alvo* conta de *um* a *dez*. Ao pronunciar *dez*, um qualquer da linha procura acertar o *alvo* com a bóla. Este volta-se buscando adivinhar quem jogou a bóla. Si adivinhar, o jogador passará a sêr o *alvo*; si não, continuará o mesmo *alvo*. Si o jogador errar o *alvo*, precisará sêr substituído.

\*  
\*\*

## BÓLA AO MURO

Em linha, a uns 3 ou 4 metros distantes dum muro, formam-se os jogadores, numerando-se *em seguida*.

Um qualquer inicia o jogo, atirando uma bóla pequena contra o muro, e chamando immediatamente o *numero* dum companheiro. Este procura pegar a bóla antes que ella chegue ao chão, e os outros fogem d'elle.

Si o *numero* chamado conseguir pegar a bóla antes que caia ao chão, joga-a outra vez contra o muro, chamando outro *numero*. Isto repete-se, até que algum jogador deixe de pegar a bóla. Este, então, erguendo a bóla, grita: *alto!* Todos devem immediatamente parar, e quem estiver de posse da bóla, procura acertal-a nalgum companheiro. Si não acertar, correrão todos outra vez; elle erguerá de novo a bóla gritando: *alto!* etc... Si acertar, aquelle que fôr attingido pela bóla passará a sêr o jogador, voltando todos a alinhar-se, como no começo do jogo.

Os jogadores podem afastar-se, não devendo entretanto esconder-se das vistas daquelle que tem a bóla.

A divisão dos alumnos em partidos e a contagem de *pontos*, augmenta o interesse no jogo. Os *numeros pares*, por exemplo, poderão constituir um partido, e os *impares*, outro.

Cada bóla apanhada antes de chegar ao chão, valerá 2 *pontos* para o partido; toda a bóla que não fôr apanhada, toda a bóla que deixar de acertar quando lançada contra alquem, marcará um *ponto* para o partido contrario.

\*  
\*\*

## POR CIMA E POR BAIXO

Os jogadores alinham-se em filas de uns 8 a 10 alumnos.

A um signal do professor, o *chefe* de cada uma das filas, passa sua bóla, por cima da cabeça, ao jogador seguinte, da rectaguarda; este faz a mesma coisa, com relação ao terceiro, e assim por deante.

Depois de contar até *dez*, em voz alta, o *chefe* passa uma segunda bóla, desta vez por baixo, entre os pés. Quando o ultimo jogador da fila receber as duas bólas, corre com ellas ao começo da fila e põe as bólas em movimento, como na primeira vez.

Repete-se isto até que todos tenham passado as bólas.  
Vence a fila que acabar primeiro o jogo.

\*\*

### PORCO EM CHIQUEIRO

Marca-se no chão uma roda grande. No centro desta faz-se um buraco, dum diametro tal que nelle entre com facilidade, a bóla com que se vae fazer o brinquedo.

Os jogadores são distribuidos egualmente pela roda, sendo a posição de cada um marcada por um buraco no qual entre a ponta dum bastão de gymnastica. Deve haver um jogador a mais do que o numero de buracos. Os jogadores precisam ter entre si uma boa distancia para liberdade de movimentos.

Quando não se quizer estragar o campo com buracos, estes podem sêr apenas marcados a giz.

Inicia-se o brinquedo com todos os jogadores ao redór do buraco do meio — o *chiqueiro*, com os seus bastões apoiados ao chão. A um dado signal, erguem os bastões, cada um correndo para collocar a ponta do bastão num dos buracos da roda. Aquelle que ficar sem logar, precisa tocar a bóla — o *porco*, e fazel-a entrar no *chiqueiro*. Os outros procuram com os seus bastões impedir que elle o consiga.

O *tocador de porcos* — o jogador do centro, póde aproveitar-se de qualquer oportunidade que se lhe offereça, para collocar seu bastão num buraco da roda, que esteja desoccupado.

Os jogadores da roda poderão trocar de posição, sempre que acharem logar desoccupado. Ninguem tem logar fixo.

O *tocador* que conseguir collocar o *porco* em seu *chiqueiro*, sairá vencedor.

---

---

# VULTOS E FACTOS

LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS

**GALERIA NACIONAL**



**BERNARDINO DE SOUZA PEREIRA**

Acima de tudo, a primeira mostra de arte do jovem pintor Bernardino Pereira, foi a afirmação dum temperamento admiravel. O espirito de seducção que adquirem certos de seus quadros — paizagens, interiores, natureza-morta — pelo jogo surprehendente das claridades e superior visão dos motivos, pela impressão de factura, ora subtil, ás vezes audaz, mas sempre tão pessoal e distincta, resalta-lhe a personalidade artis-

tica, focalizando-a, em primeiro plano, entre os que realizam de verdade o milagre da ascensão para a Belleza.

Vêde essa "poesia silenciosa," que é uma surpresa magnífica de interior; essa "alegria dos meus vasos," duma transparência viva de alma e duma poesia que lembra aquellas rosas brancas de Oscar Wilde!

Sem auxilio e minguado de recursos, na sua pobreza, confortado simplesmente no entusiasmo que lhe suscita a sympathia duns raros irmãos de sonhos, o artista surgiu como por encanto: revelou-se. Admiravel é o heroismo interior com que procura, dentro da sua humildade gloriosa, sobrepôr-se ás contingencias e ás misérias humanas, marchando resolutamente para a perfeição com a imperturbabilidade dos que acordaram para a vida, sagrados dentro dum grande sonho ainda por se realizar... Embóra lhe sangrem os pés, não lhe reponta nos labores a dôr da jornada. Estimula-se, como os predestinados, no proprio soffrimento, creando a sua arte sem asperezas, com o encantamento que lhe promana dos olhos deslumbrados.

A exposição de Bernardino é o documento prestigioso com que o novel artista se apresenta candidato legitimo a um premio de viagem ao estrangeiro. Si, alheado de "escolas," só por si, o artista realizou já todo um verdadeiro milagre de perfeição, imaginae, agóra, o quanto lhe será proveitosa uma peregrinação de estudos pelos museus do velho mundo, ao contacto dos mestres da côr!

Bernardino, mais que ninguem, merece as nossas homenagens. O sentido do seu valor impõe-nos o conceito appreciativo, sincero. Surprehende a malleabilidade com que já resolve, imprevistamente e sem exclusivismos, assumptos e motivos dos mais variados. A harmonia dos contrastes, deliciosa e suave, lhe requinta os labores, dando ás suas telas, como "depois que o vento passou" (premiada com menção honrosa de 1.º grau, no Salão do Rio, em 1923) "para um anniversario," "á tarde, depois da chuva," "dia cinzento," "rosas brancas," "tarde triste" etc., um sortilegio admiravel nos effeitos e na maneira por que resolveu os assumptos. Os retratos, de modelação segura, são marcantes. As suas paizagens, envolve-as um senso

pessoal de côr, têm luminosidade, fusão de tons e movimento.

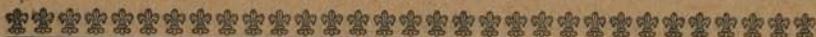
O seu modo todo particular de concepção foge aos excessos abstrusos dos artistas reflexivos, sem iniciativa e sem bafejo vivificador que, para encobrir os defeitos duma technica falha e inepta, recorrem, sem habilidade, aos trucs de empastamento e ás desharmonias contrastantes de motivos que, por difficeis, não lhes é dado resolver de maneira equilibrada. Dessas contaminações não soffre o artista de indole.

Na sua arte, a natureza não é méra reproducção objectiva, mas reflexo maravilhoso do seu espirito, ainda não contagiado pela malicia dos tempos de agora e por certos dissidios que põem em fronteiras oppostas — a vida e a arte. Não ha preferencia nos assumptos que fixa: tudo o que impressiona a sua sensibilidade é um motivo gentil para a sua paleta sem vicios; tudo se “animiza” ao toque do seu pincel, affirmando-o.

Sem preferencias que denunciem affinidades, incorrupto, as suas telas são esplendidos triumphos de colorido vivaz, verdadeiros apontamentos em côr duma poesia espontanea, em que se entrelaçam, commovidamente, o sonho e a realidade.

Falta-lhe, sem duvida, ainda alguma coisa para átingir o vertice de luz das esperanças mais altas. Mas esse pouco que lhe falta, virá com o tempo — pelo estudo vinculado á experiencia e á observação. Facultem-lhe os meios e teremos, em futuro proximo, uma das glorias mais legitimas da pintura brasileira.





## MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

### DANÇAS DAS FOLHAS (\*)

(LÊTRA DA MUSICA ANNEXA)

Quando sopra a leve aragem  
Começamos a dansar;  
Tudo é festa na ramagem,  
Ha cantos, gorgeios no ar.

Das nossas conchas, o orvalho  
Que Deus guardou, a sorrir,  
Si balança o nosso galho,  
Gota a gota eil-o a cair.

Em nossos bailados  
Ha graça e belleza;  
Alegram-se os prados,  
Sorri a natureza.



---

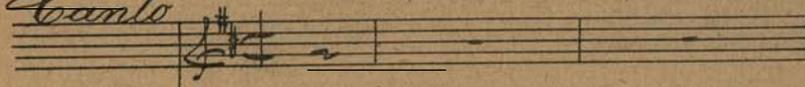
\* As crianças poderão vir vestidas de verde e executar movimentos de accordo com a musica.

# Dança das folhas

(Baulado e Coro)

Letra de *Marcia Antonietta de Castro*      Musica de *J. B. Juliano*

Canto



Piano



*f* Coda.      Quando



so - pra a le - va - ra - gem Come - ça - mos a dex -

- ear Tu so e jes - ta na ra -

- ma — gem Ha san - tos, por - gei - os no

ar! Das nos - sas bonchas, o or -

*rall.*

*f. Tempo.*

va — lho que Deus guar-dou, a sor-

The first system of music features a vocal line in treble clef and piano accompaniment in bass clef. The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 4/4. The vocal line begins with a half rest followed by a quarter note 'va', then a half note 'lho', and continues with eighth and quarter notes. The piano accompaniment consists of chords and moving lines in both hands.

-ru, si ba lan-ça o nos-so

The second system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a half rest followed by a quarter note '-ru', then a half note 'si', and continues with quarter notes. The piano accompaniment maintains the harmonic structure with chords and moving lines.

-ga lho.... Gotta a gotta, eil-o a ea-

The third system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a half rest followed by a quarter note '-ga', then a half note 'lho', followed by a dotted half note 'Gotta a gotta', and continues with quarter notes. The piano accompaniment includes a 'rit.' (ritardando) marking over a dotted half note.

Gir — Em nossas ba-

The fourth system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a half rest followed by a quarter note 'Gir', then a half note 'Em', and continues with quarter notes. The piano accompaniment includes an 'A tempo' marking and an 'sf' (sforzando) marking.

la-dos Ha-gra-tia, bel-le-za, *f*.

le-gram-se os pra-dos sor-ti a na-tu-

re-za

*Adoda*

*Tempo*

*f*

*G.C.*

---

## ESCOTISMO

**O escoteiro acceita em todas as circumstancias as responsabilidades dos seus actos.**

Faze todas as noites, ao deitar, o teu acto de consciencia e toma do Evangelho este conselho: — *córa menos de teres errado que de te não emendares.*

Para não cair em erro, age com prudencia, sê coherente nas idéas, forte ante os obstaculos, correcto nas opiniões. E' preciso que, pelo teu credito e pelo teu nome, tenhas caracter. Habitúa-te, pois, a affirmar-te com independencia no espirito e na acção, assumindo, através de todas as circumstancias, attribuições e perigos, a responsabilidade dos teus actos.

Os que quebram da verdade para se eximirem de culpa, falseiam e peccam: succumbem deante das proprias obrigações e deveres. E fugir ás responsabilidades é renunciar á dignidade de homem, é transviar, é corromper, é cair.

Heroismo quer dizer perfeição.

Vigia e attende, escoteiro, para que a tua lampada de ideal não se apague ao sopro do primeiro vento contrario. Lembra que pelo teu codigo, não tens nunca o direito de dizer: “eu não sabia que isso não se faz”; “eu agi sem querer ou sem saber”; “eu não reflecti”; “não fui eu que fiz”; “eu não faço mais”; “julguei mal”...

Deves, escoteiro, ter sempre em mente que a riqueza da tua patria depende mais dos homens que do dinheiro. Assim pregava Lycurgo, accrescentando: aquelles devem sêr sãos de corpo e de espirito: o corpo capaz de supportar as privações, e o espirito bem disciplinado e habituado a avaliar as verdadeiras proporções das coisas.

Rectilínea deve sêr a tua' conducta; sincera, a tua palavra. Nunca sacrificques os frutos sagrados da tua personalidade pela cedencia aos preconceitos, pelo convencionalismo dos meios, pela mentira dos interesses.

Toda felicidade podes realizar. Basta que te accomodes ás tuas proprias condições, aspirando apenas a ventura que vem do teu proprio poder de acção.

As paixões, domina-as, que, em verdade, o teu valor promanará do teu character. Habitua-te a trilhar o caminho que tens de seguir. A vontade cria o habito. Pelo teu esforço pódés, persistindo, adquirir o predomínio das tendencias boas do teu espirito e melhorar as do teu character inacto.

Fé ardente, vontade heroica, amor da acção, escoteiro! A tua defesa firma-se no pensamento de que és um homem. Si soffres em consequencia de causas adversas que tẽ assaltam em meio á luta, reage com as tuas proprias forças, energicamente, advogando a causa da tua saúde. Repelle as idéas dissolventes, as paixões decorrentes dos viciosos habitos mentaes, os pensamentos contrarios á tua natureza, e affirma-te na convicção de que as emoções harmoniosas favorecem o teu equilibrio.

Assim, nesta pratica, terás garantida a tua defesa e serás então capaz de assumir em todas as circumstancias as responsabilidades dos teus actos.

O escotismo é a arte de sêr cavalleiro...



## O «FOLK-LORE» NAS ESCOLAS

### UMA DO MANÉU (1)

Era no inverno. Os roçados de milho alouravam ao sol. O sertanejo modornava na tipoia (2) á sombra da alpendrada (3). O cão dormia junto á porta. A um canto, a mulher trocava bilros na almofada de rendas, em silencio. E de um gancho, presa pela bandoleira, (4) pendia a longa lazarina (5) de caça. Chegou um compadre do matuto, sentou-se num tamborete e começou a conversar. Depois, perguntou si a espingarda alcançava longe, si era de boa pontaria. E o dono da casa, gabando a arma, foi logo desfiando uma historia de caça:

— Ora, é famosa! Outro dia, lá naquelle alto — e indicou um morro pellado, distante uns quinhentos metros — andava um veado. Apontei a lazarina velha, dei fogo, o bicho emborcou!

O outro esgazeou os olhos de espanto e indagou com incredulidade:

— E onde pegou a bala?

— Qual bala, homem de Deus! Foi chumbo. Pegou um caroço junto da orelha, entrando no miolo e no pé.

— Que é isso, compadre? Conte a historia direito. “Você tá mangando” (6) com a gente! Como é que *pegou um* caroço de chumbo na orelha e no pé?!

(1) — Registrada em “Terra do Sol” — livro sobre a natureza e os costumes do Norte — por Gustavo Barroso, folk-lorista illustre, membro da Academia Brasileira de Letras. O mesmo “causo” vem narrado, de forma quasi identica, em “As Estramboticas Aventuras do Joaquim Bentinho o Queima Campo,” do regionalista Cornelio Pires.

(2) — *Tipoiã*: — rede.

(3) — *Alpendrada*: — (o mesmo que *alpendorada*) grande alpendre sustentado por columnas.

(4) — *Bandoleira*: — (do castelhano — *bandolera*) correia a tira-collo.

(5) — *Lazarina*: — arma de fuzil; espingarda. Tal nome provém de Lazaro, antigo armeiro de Braga.

(6) — *Mangando*: — (de mangar) caçoando; motejando; zombando.

O mentiroso atrapalhou-se, gaguejou, tossiu... Então a mulher levantou-se da almofada e sacudindo calmamente a saia dos fiapos de linha, veio em auxilio do marido:

— Oh! Manéu, tu não te *alembra*s, homem, que quando tu *atirou* no bicho elle *tava* coçando a orelha com o pé! Credo, meu Deus, que homem *pru mode* se esquecer das coisas que se *passou*!



## GAÚCHO

(VARGAS NETTO)

Perambulando pelo pampa (7) enorme,  
Para ansias de amplidão satisfazel-as,  
Vive a correr, no seu corcel, conforme  
O pampeiro (8) das lendas e novellas...

O gaúcho, por entre a massa informe  
Dessas campinas, verdes, amarellas,  
Si a noite o pega, no deserto dorme  
Coberto com o poncho (9) das estrellas...

E' portador dum ar de quem domina.  
Seu sangue forte vibra e rumoreja,  
Ao troar da garrucha ou da clavina.

Quando á morte, a espingarda aperta e beija,  
E morre revivendo na retina  
A epopeia creoula (10) da peleja.

---

(7) — *Pampa*: — (do quichua, *pampa*, terra plana.) Planicie extensa, pastagem.

(8) — *Pampeiro*: — chama-se assim ao vento forte que varre os pampas.

(9) — *Poncho*: — (brasileirismo) capa de lã, de fôrma quadrada, com uma abertura no meio, por onde se enfia a cabeça.

(10) — *Creoulo*: — (ou crioulo) individuo nascido na America e procedente de européos; o gaúcho; pessoa de certas localidades. E' tambem empregado como brasileirismo para designar o negro nascido no Brasil.

\*  
\*\*

## A RAPOSA E O GALLO

*Mestre Gallo*, precavido e esperto, ao descer da noite, encarapitara-se (11) no mais alto galho dum umbuzeiro, no que foi seguido pela sua companheira de quintal — *D. Carijó*.

A raposa, que passava no momento por baixo da arvore, ao vêr o casal de gallinaceos, regougou comsigo mesma:

— Olé! que optimo banquete para mim. Eu que estou ha tanto tempo em jejum, não poderia encontrar melhor oportunidade. O diabo é que se foram empoleirar tão alto, onde eu não os posso alcançar! Não importa, hei de vencel-os pela astucia.

Pensou, virou-se dum lado para outro e levantando a cabeça, disse com ar hypocrita e manhoso, dirigindo-se para o gallo:

— Ora, viva, *Mestre Gallo!*

— Boa tarde, *D. Raposa*, respondeu-lhe o gallo, com polidez.

— Que idéa foi essa, tão cedo e já de poleiro!

— Precauções, *D. Raposa*. . . A gente quando vae ficando velha, é preciso abrir muito os olhos. Assim que o sol se despede, trato de refestelar-me (12) em logar seguro. Tolo seria eu si esperasse a noite. Garanto que dessa fórma não cairei nas garras dos meus inimigos.

— Ora, ora, *Mestre Gallo!* Agora já não ha nada a receiar. Então, vocês ainda não sabem da grande novidade entre a bicharada?!

— Que novidade? — arriscou o gallo, desconfiado. Conte lá isso...

— Pois, por resolução unanime do Conselho da Liga dos Animaes, foi assignado, um tratado de paz duradoura entre

(11) — *Encarapitar-se*: — empoleirar-se; pôr-se em sitio alto, elevado; alcandorar-se.

(12) — *Refestelar-se*: — repimpar-se; comprazer-se; recostar-se.

todos os bichos da terra. Por este tratado todos temos que sêr amigos. Haverá paz e harmonia por toda a parte.

— O que! E' verdade essa historia, *D. Raposa?*!

— Então, você não acredita? Desça cá embaixo com *D. Carijó*, que eu lhes mostrarei com muito prazer o abençoado decreto que põe termo ás lutas de tantos seculos. Hoje *D. Raposa* tem a alegria de affirmar pessoalmente a *Mestre Gallo* e a *D. Carijó* a sua amizade incondicional.

— Creio em tudo que está dizendo. Póde muito bem sêr verdade, mas, como daqui estou vendo um cão que se dirige apressadamente para estas bandas, acho mais avisado esperar-o. Assim festejaremos todos juntos o acontecimentó.

— Que está falando, *Mestre Gallo?*! Cão por esta zona! *Perna p'ra quem te quer...*

Apesar de debilitada pela fome, a raposa deu sebo ás canellas e zarpou á toda... O cão avistando-a, pôz-se a correr em sua perseguição.

O gallo do seu poleiro, vendo-a correr como louca, cocoricou de contente, gritando com maldosa ironia:

— Mostre-lhe o decreto, *D. Raposa!* Mostre-lhe o decreto...

E a raposa corria... e corria...

\*  
\*\*

## TROVAS BRASILEIRAS

Queria achar quem dissesse  
Onde o pesar mais augmenta:  
Si no peito de quem fica,

—  
Si n'alma de quem se ausenta.  
A Saudade e o Desejo  
Deram um casal desgraçado:  
Elle ainda crê no futuro,  
Ella só crê no passado.



SECRETARIA DO INTERIOR

---

INSTRUÇÃO PUBLICA

*Varios despachos, pelo Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior*

MAIO — 1926:

D. ELISA DE MAGALHÃES E SILVA RAFUD. — Não tem logar o que requer, porquanto até 11 de março, data do decreto de exoneração a pedido, a supplicante era professora publica, em gozo de licença especial do art. 13, da lei n. 1710, de 1919, tendo recebido vencimentos do cargo de professora até 28 de fevereiro do corrente anno. Acresce que, na fôrma da legislação sobre ensino publico, só depois de exonerada do cargo de professora, podia sêr contratada para o cargo que actualmente exerce.

---

GABRIEL OSCAR DE AZEVEDO ANTUNES. — Não é possível avaliar o estado actual do supplicante pelo exame ou conhecimento que delle tiveram medicos e funcionarios em janeiro do corrente anno. E para licença e sua prorrogação cumpre que seja verificado e attestado o estado do supplicante, agora, actualmente. Deve, pois, sêr inspeccionado em Nice, requisitando-se providencias do ministro das Relações Exteriores, correndo as despesas pelo supplicante. Providenciou-se para sêr feita a inspecção, officinando-se ao ministro das Relações Exteriores.

---

D. CLARA DA GAMA. — Não basta ter pessoa da familia enferma para justificar licença para tratamento della, sendo indispensavel a próva de que a supplicante é a unica que póde, entre as que devem, prestar assistencia. Isso tudo tem sido decidido em muitos despachos e entretanto não se fez a próva. Os requisitos de inicio declarado não foram igualmente satisfeitos, pelo que indefiro o pedido. A materia tem sido objecto de reiteradas recommendações, de modo que não se justifica que as autoridades escolares encarninhem requerimentos, em que não tenham sido observadas taes exigencias.

---

D. ISABEL DE OLIVEIRA. — Indeferido. A supplicante, segundo é expresso na lei (art. 44 — lei 2095, de 1925) só tem direito a tres faltas justificadas em cada mez, que na realidade o foram pelo respectivo director. Para tratamento de pessoa de sua familia, fóra da localidade onde tem exercicio ou mesmo nella, como allega, devia ter solicitado licença, com ou sem inicio declarado, satisfazendo, porém, os requisitos legaes.

---

#### JUNHO — 1926:

D. LUCIA NOVAES BRANDÃO. — Uma vez determinada a inspecção, cumpre que ella se realize, tanto mais que se tornou necessaria, em vista de formal discordancia entre o attestado medico e as informações da autoridade escolar, e a modificação do pedido anterior, reduzindo o prazo da licença, não modifica a especie. Acresce que, na data do requerimento de fls. 4, não estava a supplicante de cama, como foi verificado pela alludida autoridade, parecendo-lhe até completamente restabelecida. Nessas condições, podia e devia comparecer á inspecção nesta Capital. e sua recusa justifica o indeferimento que, por isso, mantenho.

---

D. GERTRUDES DE OLIVEIRA GARCEZ. — O caso não é de justificação de faltas, mas de modificação do despacho que concedeu licença á supplicante para o effeito de se contar dita licença da data do afastamento. — A licença foi requerida sem inicio declarado, talvez por inadvertencia da supplicante, servente muito edosa e doente. Entretanto, foi ella forçada a se afastar, por molestia que a impossibilitava de trabalhar e até de se locomover, conforme consta do attestado de fls. 2 e informação de fls. 1 v. Nesses termos tem inteiro cabimento o inicio declarado. Faça-se em tal sentido a necessaria apostilla, para o que a supplicante deverá apresentar a portaria.

D. MARIA AUGUSTA DE OLIVEIRA. — Na realidade a especie não se enquadra nos casos communs previstos e decididos, mas está sujeita aos mesmos dispositivos e principios geraes, que justificam o inicio pedido. Foi afastada por autoridade escolar, por exigencias prophylacticas e em consequencia de molestia confirmada em attestado medico, tendo ficado impossibilitada de exercer o magisterio, afim de evitar contagio e transmissão da molestia. Ficou assim, por determinação de autoridade legitima e por justo motivo, em situação identica á do doente de cama, para o effeito do exercicio do magisterio. Defiro, pois, o requerimento.

— A supplicante, segundo affirmou em audiencia publica, propunha-se a provar: a) — que quando foi procurada para inspecção, em sua residencia, tinha ido ao hospital para applicar os raios X, conforme attestado medico que juntaria; b) — que a inspecção si fôr realizada agora, demonstrará que a molestia de que soffre ainda pela sua natureza fórma elementos para verificação de que devia ter estado de cama no tempo em que se afastou do exercicio. — O laudo, entretanto, nada diz a esse respeito, embora constate a insufficiencia para o devido trata-

mento, do prazo pedido. E, como o que está em jogo é a questão do início da licença, cumpre que a supplicante faça a prova dos requisitos, como se propôz.

---

BENEDICTO JORGETO RAMALHO. — Tendo exgotado os tres annos de licença especial do art. 13 e continuando impossibilitado de reassumir em razão de persistir a molestia que determinou, não pôde o supplicante continuar a receber ordenado como si licenciado estivesse, porque a lei só lhe concede tal remuneração até o 3.º anno. Como, entretanto, foi aposentado — pôde, por equidade, receber os vencimentos da aposentadoria, a contar da data em que terminou a licença.

---

DD. ZORAIDE MORAES E MARIA DE LOURDES FARANI. — A permuta requerida é contraria á lei; não só por não sêr época legal, como por não sêr permittida permuta de adjunta de grupo do interior com a de grupo da Capital, á vista da fórma expressa do provimento quanto a esta.

---

IZIDRO DENSER E FLORENTINO BELLO. — A lei não autorisa a permuta entre directores de grupo da Capital e do interior. A letra c do paragrapho unico do art. 30, do decreto n. 3.858, de 11 de junho do anno passado, faculta a remoção de director de grupo de interior, com um anno pelo menos de exercicio nesse cargo, para cada terceira vaga verificada, na Capital.

---

## INDICE

A "REVISTA ESCOLAR" . . . . .	1
-------------------------------	---

### LIÇÕES PRATICAS:

Arithmetica . . . . .	4
Geographia . . . . .	8
Physica . . . . .	11
Linguagem . . . . .	13
Geometria . . . . .	16
Historia do Brasil . . . . .	19
Hygiene . . . . .	22
Educação moral e civica . . . . .	23

### PEDOLOGIA:

A imaginação e suas variedades na criança . . . . .	26
A evolução psychica da criança . . . . .	28

### LIÇÕES DE COISAS:

O ferro fundido . . . . .	31
O ferro batido . . . . .	32
A cera . . . . .	33
O lacre . . . . .	35
A tinta de escrever . . . . .	36
O marfim . . . . .	38
A cal . . . . .	40
As pomadas . . . . .	42

### QUESTÕES GERAES:

Palestras sobre ensino . . . . .	43
Cultura humanistica . . . . .	47
Um appello . . . . .	50
Educação civica . . . . .	52
A lição dos campos . . . . .	54
Paizagem . . . . .	55

### LITERATURA INFANTIL:

Innocencia . . . . .	56
O caminho da verdade . . . . .	57
O milagre dos livros . . . . .	57
Caravelas . . . . .	58
O tecer dos fios . . . . .	59
O gato e o ratinho . . . . .	59
A' cópa duma arvore . . . . .	61
"Accender uma vela a Deus e outra ao diabo" . . . . .	62
Na escola . . . . .	63

METHODOLOGIA:	
Processo educativo . . . . .	64
EDUCAÇÃO PHYSICA:	
Jógos escolares . . . . .	67
VULTOS E FACTOS:	
Bernardino de Souza Pereira . . . . .	73
MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:	
Dansa das folhas . . . . .	76
ESCOTISMO . . . . .	
	81
O "FOLK-LORE NAS ESCOLAS:	
Uma do Manéu . . . . .	83
Gaúcho . . . . .	84
A raposa e o gallo. . . . .	85
Trovas brasileiras . . . . .	86
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos . . . . .	87

